



Batman x Superman

MITOS CONTEMPORÂNEOS À LUZ DE UMBERTO ECO

MOBILIZAÇÃO SOCIAL
LIVRO ANALISA IMPORTÂNCIA
DOS ARTEFATOS DIGITAIS

ALTAS HABILIDADES
OBRA ESTUDA FILMES SOBRE
PERSONAGENS REAIS



HA BER MAS

**Filósofo resgata
o potencial do
materialismo histórico
para explicar o
capitalismo e suas
transformações**

508 páginas | R\$ 88

Durante os anos 1970, Jürgen Habermas trabalhava na reconstrução do materialismo histórico. Para um dos principais filósofos da atualidade, isso significa compor e recompor a teoria em uma nova forma para que ela possa cumprir o objetivo proposto. Ou seja, extrair, após revisar suas premissas, o potencial que as ideias marxianas ainda carregam de explicar a sociedade, sua dinâmica e transformações.

O resultado está em *Para a reconstrução do materialismo histórico*, lançamento da Editora Unesp que integra a Coleção Habermas. Oferecendo uma forma específica de pensar o materialismo histórico, o livro constrói novas perspectivas em relação ao estágio moderno do capitalismo e suas crises, ao mesmo tempo que vislumbra possibilidades reais de uma vida em sociedade mais democrática e emancipada.



**editora
unesp**

*Produzir conteúdo,
Compartilhar conhecimento.
Editora Unesp, desde 1987*

www.editoraunesp.com.br



Governador

Geraldo Alckmin

Secretaria de Desenvolvimento
Econômico, Ciência, Tecnologia
e Inovação

Márcio França



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Reitor

Julio Cezar Durigan

Pró-reitor de Administração

Carlos Antonio Gamero

Pró-reitor de Pós-Graduação

Eduardo Kokubun

Pró-reitor de Graduação

Laurence Duarte Colvara

Pró-reitora de Extensão Universitária

Mariângela Spotti Lopes Fujita

Pró-reitora de Pesquisa

Maysa Furlan (interina)

Secretária-geral

Maria Dalva Silva Pagotto

Chefe de Gabinete

Lauro Henrique Mello Chueiri (interino)

Assessor-chefe da Assessoria de

Comunicação e Imprensa

Oscar D'Ambrosio



Presidente do Conselho Curador

Mário Sérgio Vasconcelos

Diretor-presidente

Jézio Hernani Bomfim Gutierrez

Editor-executivo

Túlio Kawata

Superintendente administrativo e financeiro

William de Souza Agostinho

unesp*ciência*

Diretor de redação Oscar D'Ambrosio

Arte Hankó Design (Ricardo Miura)

Assistente de arte Andréa Cardoso

Colaboradores Carina Alexandra Rondini, Eli Vagner F.

Rodrigues, Fernando Braz Tangerino Hernandez, Flávio

Adriano Nantes Nunes, João Eduardo Hidalgo, José Alexandre

de J. Perinotto, Marco Aurélio Nogueira, Oscar D'Ambrosio,

Rodolpho Telarolli Jr., Sérgio Mauro, Soraya Lunardi (texto);

Chello Fotógrafo (foto)

Revisão Maria Luiza Simões

Projeto gráfico Hankó Design (Ricardo Miura)

Produção Mara Regina Marcato

Apoio de internet Marcelo Carneiro da Silva

Apoio administrativo Thiago Henrique Lúcio

Endereço Rua Quirino de Andrade, 215, 4º andar,

CEP 01049-010, São Paulo, SP. Tel. (11) 5627-0327.

www.unesp-ciencia.com.br

revistaunesp-ciencia@reitoria.unesp.br

Impressão Coan Gráfica

Tiragem 6 mil exemplares

É autorizada a reprodução total ou parcial de textos e imagens desde que citada a fonte. Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da Universidade.

Podere*s* e responsabilidades

Era uma vez uma geração que sabia as escalasções de seus times de futebol de cor, como os campeões regionais ou nacionais. Hoje talvez muitos saibam de cabeça mais nomes dos 11 ministros do Supremo Tribunal Federal do que os dos jogadores da Seleção Brasileira do esporte que já foi um símbolo de vitórias e respeito internacional.

Por que não pensar numa seleção mitológica eterna que atravessa gerações: Superman; Batman, Homem-Aranha, Mulher Maravilha e Capitão América; Lanterna Verde, The Flash e Demolidor; Thor, Cyborg e Homem de Ferro? E seguramente cada leitor poderá formar outras seleções igualmente inesquecíveis.

Nesta edição da revista **unesp*ciência***, temos um artigo que mostra, numa perspectiva teórica baseada em Umberto Eco, a importância para o nosso imaginário dos mitos contemporâneos dos heróis dos quadrinhos.

Outros temas enfocados são os da internacionalização na Universidade, filmes que tratam de personagens reais com capacidade acima da média, o Prêmio Camões recebido pelo escritor brasileiro Raduan Nassar, intervenções na crise grega de junho de 2011 a julho de 2015, os paralelos entre a Itália atual e o Brasil, livro do ex-ministro da Defesa Celso Amorim, os sucessos e desafios das campanhas de vacinação, a importância dos artefatos digitais na participação política da sociedade civil, a destruição da histórica cidade síria de Palmyra, a valorização dos profissionais da Geologia, o lançamento de CD com obras de Henrique Oswald, as apresentações da ópera *A Flauta Mágica* no Instituto de Artes da Unesp e a resposta à pergunta Por que realizar o manejo de irrigação?

Essa jornada nos auxilia a ter uma maior compreensão dos mitos contemporâneos com os quais convivemos todos os dias. Afinal, como diz a célebre frase sempre repetida pelos fãs do universo do Homem-Aranha: “Com um grande poder vem uma grande responsabilidade”. É assim que nossa equipe se sente ao preparar esta revista para vocês.



14

INTERNACIONALIZAÇÃO

Processo fundamental para consolidação

JOSÉ CELSO FREIRE JUNIOR



20

CINEMA

Personagens reais com capacidade acima da média

CARINA ALEXANDRA RONDINI

POLÍTICA
Estados contra
trabalhadores
SORAYA LUNARDI

28

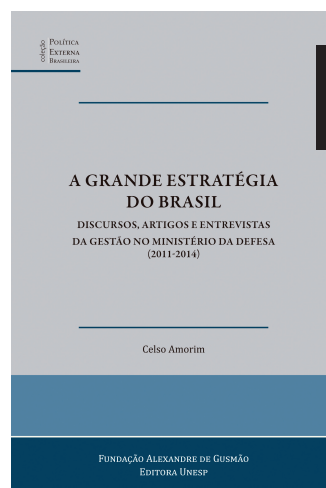


6

CULTURA DE MASSA

Batman x Superman

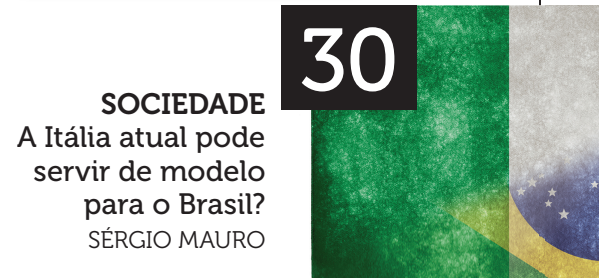
ELI VAGNER F. RODRIGUES



33

LEITURA

Celso
Amorim
revela a
política
brasileira
de Defesa
Nacional



30

SOCIEDADE
A Itália atual pode
servir de modelo
para o Brasil?
SÉRGIO MAURO



34

SAÚDE COLETIVA

Vacinação: sucessos e desafios

RODOLPHO TELAROLLI JR.



36

DEMOCRACIA

A importância dos artefatos digitais

MARCO AURÉLIO NOGUEIRA



40

TERRORISMO

A histórica cidade de Palmyra

JOÃO EDUARDO HIDALGO



46

ARTE E CULTURA

CD Miniaturas de Oswald

OSCAR D'AMBROSIO



22

LITERATURA

Raduan Nassar vence o Camões 2016

FLÁVIO ADRIANO NANTES NUNES



45

GEOLOGIA

Um profissional que sabe onde pisa

JOSÉ ALEXANDRE DE J. PERINOTTO



50

OPINIÃO

Por que realizar o manejo de irrigação?

FERNANDO BRAZ TANGERINO HERNANDEZ



FOTO DO MÊS

Luz e trevas, em ópera clássica de Mozart

CHELLO FOTÓGRAFO



48

Batman x Superman

UMA LIÇÃO DE UMBERTO ECO SOBRE OS MITOS CONTEMPORÂNEOS

O filme *Batman vs Superman*, dirigido por Zack Snyder, consolida tanto a disputa DC vs Marvel no calendário anual dos blockbusters derivados dos quadrinhos quanto recoloca em cena dois dos mais lucrativos heróis da história do cinema. O filme, mais uma vez, vai dividir o público, não somente entre os que torcerão para o homem-morcego, herói sem poderes adquiridos, que conta apenas com sua força humana, notável inteligência e obstinação, e os que torcem para o virtuoso alienígena semideus, dotado de força quase ilimitada, poderes ultra-humanos.

Além desta divisão característica do universo dos fãs, prevemos uma divisão entre a crítica. De um lado os críticos que consideram os filmes de heróis um filão mais do que previsível, mero entretenimento sem inovações no campo da arte cinematográfica e de outro os que consideram o fenômeno uma atraente renovação no cenário da cultura contemporânea. Estes últimos consideram Christopher

ELI VAGNER F. RODRIGUES



© Divulgação / Warner Bros. Pictures

Nolan, Brian Singer e Zack Snyder diretores cujas obras levaram o universo das artes sequenciais (quadrinhos) a um nível superior de expressão artística. A crítica negativa baseia-se na suposta facilidade que estes diretores encontram ao trabalhar com esses “mitos modernos”, e com histórias que já foram “testadas” no mercado mundial das Comics. Na lógica desse mercado o público já estaria garantido há décadas e o exército de fãs faria a multiplicação de valor que se verifica nos dias de

QUANDO FALAMOS DE DESMISTIFICAÇÃO, NOS REFERIMOS A TODO PROCESSO DE DISSOLUÇÃO DE UM REPERTÓRIO SIMBÓLICO INSTITUCIONALIZADO

hoje, em todos os sentidos da palavra, seja econômico, seja estético. Se o fator econômico é indiscutível (lucro certo), a apreciação do valor estético sofre o influxo massivo das novas ondas culturais geek, nerd, sci-fi, gamer, que com a escalada exponencial da tecnologia e da informatização do mundo só tende a crescer. Existe um nexos entre o universo da tecnologia e da informática com o mundo da ciência e este, por sua vez, tem uma relação de consumo direta com o universo criativo representado por ficção científica, ficção de fantasia, séries, quadrinhos, etc. As editoras que exploram esses filões editoriais dobraram seus títulos nos últimos anos. Este universo de fãs e novos leitores é mais crítico do que podemos pensar, mas a visão crítica não costuma superar o entusiasmo. A crítica, no caso, está mais ligada à lógica do “poderia ser mais fiel”, ou “distorceram a personagem”, característica dos fãs que querem afirmar seu conhecimento diante da legião de leigos.

Esta esperada controvérsia, e a divisão da crítica, inevitavelmente nos lembra o famoso livro de Umberto Eco *Apocalípticos e Integrados* que, injustamente, como o próprio autor ressalta, “tenta subsumir atitudes humanas, com toda sua variedade e seus matizes, sob dois conceitos genéricos e polêmicos”. Mas é

também nessa obra que Eco dedica um longo e interessante capítulo ao mito do Superman, que pode nos interessar nesta semana de estreia.

O MITO DO SUPERMAN

Eco define a mitificação como uma simbolização incôscia, uma identificação do objeto com uma soma de finalidades nem sempre racionalizáveis, projeção de uma imagem de tendências, aspirações e temores particularmente emergentes num indivíduo, numa comunidade, em toda época histórica. Temos, portanto, nossos mitos. Mas ao mesmo tempo que temos mitificações em várias culturas e épocas, temos também o fenômeno da desmistificação. Quando falamos de desmistificação, explica Eco, nos referimos a todo processo de dissolução de um repertório simbólico institucionalizado, o que ocorreu, por exemplo, com alguns elementos da cristandade.

O Superman representa de maneira exemplar um mito moderno. O herói dotado de poderes superiores aos do homem comum é uma constante da imaginação popular. Hércules, Sigfried, Pantagruel e mesmo Peter Pan compõem, entre muitos outros, este conjunto de projeções humanas. O que se nota em todos esses heróis é que frequentemente suas virtudes se humanizam e o que se valoriza nas histórias seria a potencialização de algum poder meramente humano. No caso do Superman este poder está ligado às virtudes morais. A aproximação entre o herói e o leitor se dá no campo da possibilidade. O homem comum pode exercer a mesma virtude, aquela que dará o desfecho mais importante da história, e ela, muitas vezes, não é baseada na força física ou em características supra-humanas. Outra característica destacada por Eco é que o Superman não é humano, é um alienígena, mas chegou à terra criança e foi criado (humanizado) por pais humanos, gente simples, do campo, honesta e virtuosa. No trabalho é um tanto atrapalhado, não tem projeção social relevante e é míope, apesar de ter uma visão de raio-X.

Constrói-se um mito, também, pela identi-





ficção e aproximação. O indivíduo comum, funcionário, sem recursos, dotes e força, se identifica imediatamente. Vale dizer que boa parte do que é atribuído aqui ao Superman compõe a caracterização de Batman, uma vez que o homem-morcego também é um importante mito deste universo. Criado por Bob Kane em 1939, incorpora uma imagem moral também bastante rigorosa e desenvolveu, sob a pena de vários roteiristas, uma espécie de coerência pragmática ao longo de 70 anos. O elemento que enriquece a caracterização da personagem é a complexidade psicológica determinada por traumas, personalidade obsessiva, e os limites entre sanidade, loucura e delírio. Hoje, depois de certo desgaste da personagem, parece sofrer de uma síndrome da dualidade herói-vilão e se vê quase obscurecido por seu arqui-inimigo Coringa, que em várias estórias, tanto dos quadrinhos como das adaptações para o cinema, notadamente constitui o foco dramático em detrimento do próprio herói.

Mas é em outro ponto que Eco nos brinda com uma compreensão original, visto que até agora, basicamente, só repetimos o que é de conhecimento de todos.

A personagem do herói mitológico característica da mitologia antiga é sempre identificada pelo que fez no passado. Sua caracterização, suas qualidades, seu perfil heroico está baseado na sua história pregressa, suas realizações, seus feitos. Emblemática e didática é a figura de Hércules, que era conhecido por suas façanhas (os doze trabalhos). Mas não é somente Hércules que carrega essa caracterização, Odisseu (Ulysses), Teseu, Perseu, Ariadne (por que não?), Ajax, Aquiles, até mesmo Édipo, samurais também. Sobre esses heróis conta-se sempre a mesma história, a saber a história de seus feitos no passado. O curioso é que sempre ouvimos a mesma história e revivemos o mito com interesse. Neste registro o herói tem como caracterização sempre as mesmas qualidades e ele deve revelá-las no momento em que forem exigidas na trama. A característica do herói o define. Se Hércules perder

a força ele deixa de ser Hércules, se deixar de ser um semideus ele não será mais o mesmo. Portanto, o herói está preso a uma estrutura fixa. Eco denomina esta característica de uma “fixidez emblemática que o torna facilmente reconhecível”. O mesmo acontece com os super-heróis modernos. O Superman está preso em uma estrutura de comportamento e de poderes que determina suas capacidades de ação e, portanto, as possibilidades da trama.

Para Eco, no entanto, a personagem mitológica de quadrinhos encontra-se em uma situação singular:

“Ele deve ser um arquétipo, a soma de determinadas aspirações coletivas e, portanto, deve necessariamente se imobilizar numa fixidez emblemática que o torne facilmente reconhecível, mas é comercializado em um âmbito de uma produção romanesca”.

O HERÓI TEM COMO CARACTERIZAÇÃO SEMPRE AS MESMAS QUALIDADES E ELE DEVE REVELÁ-LAS NO MOMENTO EM QUE FOREM EXIGIDAS NA TRAMA

Este âmbito da produção romanesca exige a novidade e o inaudito, o inesperado e a surpresa do roteiro. Os exemplos dados por Eco nos bastam para entender a lógica e estrutura da civilização do romance.

Quando os detetives descobrem o culpado (*Sherlock Holmes*, *Agatha Christie*), quando Javert paga sua dívida de gratidão a Jean Valjean (*Os miseráveis*), quando a aventura dos três mosqueteiros continua em *Vinte Anos Depois*, quando Edmond Dantès, *O Conde de Monte Cristo*, finaliza sua história, assistimos, a um lance teatral cuja imprevisibilidade faz parte da invenção. Nesta tradição o interesse maior do leitor é deslocado para o que acontecerá e, portanto, para a invenção do enredo, que passa para primeiro plano. O acontecimento não aconteceu antes da narrativa, ocorre enquanto se narra e, muitas vezes, o autor, em certos momentos, não sabe o que acontecerá. Quando acompanhamos inúmeros desenlaces das



Cenas do filme
*Batman vs
Superman –
Dawn of Justice*,
dirigido por Zack
Snyder



© Fotos: Divulgação / Warner Bros. Pictures

estórias, muitas vezes inesperados, este truque dramático passa a ser esperado em outras obras. Este recurso parece viciar o leitor. Vale notar que a curiosidade é irmã do ato de consumo. Forma-se o cenário de sucesso da produção cultural romanesca. Consumimos novidades, surpresas, novas possibilidades de desfechos narrativos. O jogo determinado pelo consumo de produtos culturais e a surpresa, inovação ou novidade que ele proporciona alimenta a mesmice cotidiana com alguma diferença momentânea. Por esta razão a palavra “spoiler” se tornou tão popular entre os adolescentes.

“O termo se refere a qualquer fragmento de uma fala, texto, imagem ou vídeo que se encarregue de fazer revelações de fatos importantes, ou mesmo do próprio desfecho da trama de filmes, séries, desenhos animados, animações e animes, conteúdo televisivo, livros e videogames em que, na maioria das vezes, prejudicam ou arruinam a apreciação de tais obras pela primeira vez.”

O consumidor não quer spoilers, quer sentir a emoção da surpresa até o último momento, até a revelação. Neste ambiente o trailer ganhou uma versão mais enxuta, o teaser. Oteaser (em inglês “aquele que provoca” (provocante), do verbo tease, “provocar”) “é uma técnica usada em marketing para chamar a atenção para uma campanha publicitária, aumentando o interesse de um determinado público-alvo a respeito de sua mensagem, por intermédio do uso de informações enigmáticas no início da campanha”. As “informações enigmáticas” incitam a curiosidade, esta é movida pelo novo, pela novidade, pela surpresa.

Todo este aperfeiçoamento do mercado está diretamente relacionado com a estrutura romanesca. Segundo Eco, essa nova dimensão da narrativa é contrabalançada por uma “mitificabilidade” menor da personagem. “A personagem do mito assume uma personalidade estética, uma capacidade de tornar-se termo de referência para comportamentos e sentimentos que também pertencem a todos nós.” O cinema incorporou facilmente esta lógica.

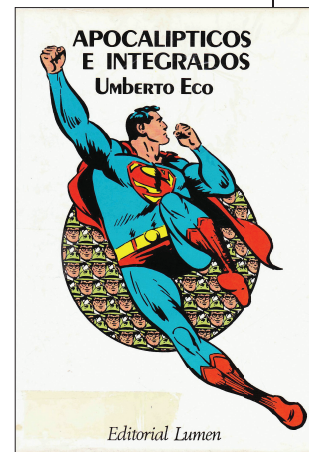
Estas características contraditórias entre

a fixidez das personagens e a necessidade de novas estórias e desfechos, a novidade esperada pelo público, levaram os roteiristas de quadrinhos a verdadeiros malabarismos criativos. Esta limitação deu um impulso à imaginação. Assim criaram-se universos paralelos, realidades virtuais, viagens no tempo, linhas temporais distintas, crossovers, arcos e sagas com realidades muito particulares. Esse fenômeno transformou o universo em questão em uma área de especialização. O público preguiçoso que acompanhava as tirinhas dos jornais não deixa de existir, mas surge também um público voraz, nada preguiçoso, de aficionados que se especializa. Os aficionados, os fãs (fan-fanatic) se dedicam integralmente ao seu objeto. Pode-se questionar a qualidade “literária” do que consomem, não sua dedicação ao objeto de culto.

BOA PARTE DO PÚBLICO PODE IR AO CINEMA PENSANDO EM COMO OS DOIS HERÓIS PODERIAM ENTRAR EM CONFLITO

Mas voltemos a Metrópolis, ao Daily Planet e às estratégias romanescas de Hollywood frente à fixidez dos mitos modernos.

A curiosidade que paira sobre a estreia da semana, pelo menos para o público que não conhece de antemão as estórias, sagas e arcos das HQs, além do nosso condicionamento de obrigatoriedade de consumo dos blockbusters, é algo que está relacionado com a análise de Umberto Eco. Boa parte do público pode ir ao cinema pensando em como dois heróis de caracterização moral tão rigorosa, e parecida, na construção de suas mitologias pessoais poderiam entrar em conflito. O que deve ter ocorrido para que dois bons moços como Bruce Wayne e Clark Kent, vigilantes da justiça, entrem em conflito. Além disso paira, também, a curiosidade sobre como um mero mortal enfrentará um semideus. Em outras palavras, a novidade e a necessidade de reinvenção, neste caso, já estão implícitas no próprio título do filme. 



Apocalípticos e Integrados,
Umberto Eco,
Editorial Lumen,
2002, 150 págs.



Eli Vagner F. Rodrigues é professor da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Unesp de Bauru.



Processo fundamental para consolidação

OBJETIVO
É SER UMA
INSTITUIÇÃO
DE ENSINO
MODERNA E
GLOBAL

A tualmente o mundo todo reconhece que a internacionalização é um processo fundamental para a construção e consolidação de uma instituição de ensino superior moderna e global que cumpra com alta qualidade seu papel como formadora de recursos humanos, geradora de conhecimento e que consiga interagir de forma eficiente com a sociedade. Nesta trilha da busca da qualidade, a Unesp desenvolveu a partir de 2009 um conjunto de ações estratégicas para a internacionalização da pesquisa, do ensino e da extensão, além de investimentos em recursos humanos e infraestrutura para ampliar suas atividades internacionais.

Embora os frutos desta atuação estejam aparecendo, é necessário entender que o desenvolvimento da internacionalização se dá através de um processo lento, com dinâmica

própria. Neste cenário, deve-se ressaltar que nos últimos sete anos, indicadores macro mostram um consistente aumento das atividades associadas à internacionalização.

Foi maior o número de estudantes em mobilidade nos dois sentidos, os acordos com Instituições de Ensino Superior (IES) estrangeiras aumentaram em número e passaram a incluir instituições de reconhecida competência acadêmica; foi desenvolvido um trabalho consistente para implementar projetos de colaboração com instituições estrangeiras e a partir deles estão em consolidação diversas parcerias estratégicas.

Muitos desses resultados são fruto do reconhecimento internacional que a instituição vem obtendo e que está assegurando que, cada vez mais, portas se abram para projetos que



© Pixabay

levem a melhoria do papel que deve ser desempenhado pela Unesp e para que a instituição seja reconhecida entre as melhores do Brasil e do mundo, particularmente entre aquelas com menos de 50 anos.

É importante ressaltar que uma cultura de internacionalização também vem sendo absorvida pela comunidade, que cada vez mais compreende os benefícios que a internacionalização pode trazer para as atividades-fim da instituição.

Na Unesp, o processo de internacionalização se assenta principalmente em atividades ligadas ao ensino e à pesquisa, com algumas ações associadas à extensão. No ensino, se dá primordialmente através de investimentos na mobilidade de estudantes e docentes, além das ações para o desenvolvimento da internacio-

nalização em casa, com o objetivo de oferecer àqueles que não têm a oportunidade de ir ao exterior a possibilidade de adquirir as competências e habilidades necessárias à atuação no mundo globalizado.

A mobilidade internacional, vertente mais conhecida da internacionalização, ganhou procedimentos formais e rigorosos, passando a ser um processo centralizado. Toda e qualquer mobilidade institucional passou a ser feita através de editais elaborados a partir de negociações com instituições parceiras nacionais e internacionais.

Entre os anos de 2009 e 2015, houve um aumento de aproximadamente 300% no número de estudantes enviados ao exterior. Para tanto, aliado às oportunidades naturalmente oferecidas à instituição, como o Programa

Ciências sem Fronteiras (CsF) e as bolsas Santander, foi feito um trabalho, consequente e de sucesso, para a captação de expressivos recursos através do envio de propostas a editais nacionais e internacionais como os dois projetos Erasmus Mundus e os Programas Internacionais da Capes.

Recursos próprios também foram investidos, entre outros, para participação nos programas da Iaeeste (Associação Internacional para o Intercâmbio de Estudantes de Áreas Técnicas) e no desenvolvimento de um programa de mobilidade dedicado exclusivamente a estudantes de baixa renda. Para todas as atividades ligadas a mobilidade foram implementadas ações para uma adequada divulgação, preparação da comunidade acadêmica e implementação dos procedimentos necessários à sua realização. A partir dos programas de mobilidade, um progra-

A UNESP QUADRUPLICOU O NÚMERO DE ESTUDANTES ESTRANGEIROS DE GRADUAÇÃO EM SUAS UNIDADES E MAIS QUE DOBROU O DE ESTUDANTES DA PÓS-GRADUAÇÃO

ma para a implementação de Duplos Diplomas foi desenvolvido e está em franca expansão.

A Unesp também quadruplicou o número de estudantes estrangeiros de graduação em suas unidades e mais que dobrou o de estudantes da pós-graduação. Certamente isso se deve à qualidade do ensino ofertado e ao prestígio internacional conquistado. Entretanto, é necessário citar também a importância do programa institucional para oferecimento de um conjunto de disciplinas em inglês (primeiro programa deste gênero desenvolvido em uma universidade brasileira).

Em relação a mobilidade, deve-se destacar o recebimento pela Unesp, em 2014, do prêmio Employer's Award por ser a maior parceira mundial do programa Iaeeste, através do oferecimento de bolsas para estudantes de graduação e pós em estágios nos laboratórios da Universidade. A atuação da Unesp

no Programa CsF também merece ênfase, já que a instituição se posiciona na 8ª colocação nacional no número de bolsas implementadas através do programa.

O conhecimento de idiomas, uma das principais barreiras, senão a maior, associadas ao processo de internacionalização das IES (e certamente um dos fatores que impediram que a Unesp enviasse mais estudantes através do CsF), foi abordado através de um programa inovador para capacitação do corpo acadêmico em línguas estrangeiras. Foram elaborados, desenvolvidos e executados diferentes projetos, como o Projeto de Capacitação em Língua Inglesa em parceria com o British Council, que vem oferecendo uma série de atividades de ensino de língua inglesa à comunidade acadêmica.

Deve-se citar também um programa similar em parceria com o Consulado da França em





São Paulo bem como aplicação diagnóstica do TOEFL ITP em parceria com o programa Idiomas sem Fronteiras. Através desses projetos foram atendidos mais de 11 mil membros da comunidade acadêmica.

Para apoiar o desenvolvimento do processo de internacionalização, a infraestrutura necessária vem sendo desenvolvida, através da implementação de resoluções específicas, da redefinição de papéis e da estrutura organizacional, do desenvolvimento específico de sistemas de informação para a gestão do processo de internacionalização e de investimentos em recursos humanos e capacitação técnica dos envolvidos.

Nesse contexto, diversas ações merecem ser destacadas. O processo de capacitação de quadros técnicos através de diferentes programas de mobilidade internacional foi iniciativa inovadora e um grande avanço, pois ofereceu

oportunidades de capacitação a diversos membros do corpo técnico pela participação, por exemplo, em programas de mobilidade oferecidos por projetos Erasmus Mundus e em programas de mobilidade técnica da AUGM (Associação de Universidades Grupo Montevideo) e do Grupo Compostela de Universidades. Essas oportunidades só foram possíveis em função das sólidas parcerias internacionais estabelecidas ao longo dos últimos anos.

As resoluções sobre programas de intercâmbio e de duplo diploma também configuram avanços expressivos e inovadores no cenário nacional, na medida em que regulamentaram com ideias modernas esses processos, tendo ainda se tornado referência para diferentes IES do Brasil.

Mas talvez o ponto mais importante, que tenha construído as bases para um novo salto, seja o processo de reestruturação organi-

Alunos selecionados no Programa de Bolsas Top China do Santander Universidades, que tem como objetivo incentivar a cooperação bilateral para debate de temas de interesse global entre o Brasil e a China.



Alunos de Odontologia, Câmpus Araraquara, em atendimento.

zacional implementado. Esse processo teve início em 2009, com a criação de Escritórios de Relações Internacionais (ERIs) em todas as unidades da Unesp. A partir de fóruns anuais sobre internacionalização realizados de 2009 a 2012 observou-se, entre outras demandas, a necessidade da definição de uma política estratégica de internacionalização para a instituição. Foram então realizados workshops que conduziram à definição do conceito de internacionalização para a Unesp. Desses workshops emergiu também a compreensão da necessidade de uma reestruturação organizacional.

Os trabalhos culminaram na criação de uma nova estrutura orgânica para a internacionalização, através de um Comitê Superior de Relações Internacionais, diretamente ligado à Vice-Reitoria, de um Comitê Executivo com participação de representantes das Pró-Reitorias e da Assessoria de Relações Externas e unidades e de Comitês Locais de Internacionalização em cada uma das unidades da instituição, em fase de implementação.

Atualmente, o setor de relações internacionais da Unesp é referência no Brasil e tem reconhecimento no mundo como um dos melhores do país. Isto pode ser comprovado pela participação constante, com apresentação de cases, nas mais importantes conferências de internacionalização da educação superior do mundo, pelo oferecimento anual de workshops sobre gestão de um escritório de relações internacionais na Conferência FAUBAI (Associação Brasileira de Educação Internacional) e também pela recepção de corpo técnico de outras instituições do Brasil para estágios de formação na Assessoria de Relações Externas da Unesp.

Nos últimos anos, a Unesp fez importantes investimentos em missões internacionais de caráter científico e institucional para visitas a renomadas universidades do Canadá, da Austrália e dos Estados Unidos. Como reflexo dessa ação, pode-se citar o fortalecimento de uma sólida reputação internacional e a consolidação de novas parcerias por meio da realização de workshops conjuntos, obtenção de



© Arquivo AC/Retoria Unesp

11 das 36 áreas em destaque no ranking QS World University Rankings by Subject, estando por exemplo entre as 50 melhores universidades do mundo nas áreas de Odontologia e Medicina Veterinária, colocadas, respectivamente, em 31.º e 45.º lugar. Na área de Agricultura e Ciências Florestais posiciona-se na faixa de 51-100, enquanto o curso de Farmácia está entre 101-150, e os de Engenharia Elétrica, Engenharia Mecânica, Ecologia e Física entre 201-250; os de Ciências Biológicas, Medicina e Química estão entre 251-300. A Unesp foi pontuada em 27 das 36 áreas analisadas. Na análise feita pela QS University Rankings das universidades com menos de 50 anos de existência, a Unesp ocupa a faixa entre as posições 71-80 do mundo, e a segunda do Brasil. De acordo com uma análise do RUF – Ranking Universitário Folha, a Unesp é a melhor instituição “jovem” – com menos de 40 anos – do país. A Unesp aparece, ainda, em 27.º lugar no ranking QS que avalia as melhores instituições dos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul).

financiamentos da Fapesp e de outras agências de fomento, para desenvolvimento de projetos de pesquisa colaborativos, financiamento para mobilidade de docentes e estudantes de pós-graduação, acordos de cotutela e publicações conjuntas. Este conjunto de ações produziu impactos na qualificação da produção científica da Unesp.

Nos últimos cinco anos houve um aumento de 86% no número de publicações em cooperação internacional, em grande parte com universidades de classe mundial. Além disso, a porcentagem de publicações com colaboradores internacionais, que era de 18,1% no período 2005-2010, aumentou para 25,6% no período 2010-2015, indicando uma evolução significativa nas colaborações científicas internacionais.

A Unesp tem, sistematicamente, sido classificada nos principais rankings universitários nacionais e internacionais. No Ranking QS, por exemplo, está entre as oito melhores instituições da América Latina, sendo uma das instituições de maior projeção no mundo em

Já em relação ao Ranking Iberoamericano Scimago 2015, que divulga seus resultados a partir da produção científica das universidades, entre 2009 e 2013, a Unesp permanece em quinto lugar no universo ibero-americano, sendo a terceira instituição na América Latina e a segunda no Brasil. A Unesp também está posicionada entre as 400 melhores universidades do mundo de acordo com o ranking da Universidade Xangai Jiao Tong, publicado em 2015. Manteve assim a posição que ocupa desde 2010. Na esfera nacional, está na faixa que abrange as posições 2-4, melhorando a posição anterior, que era na faixa 2-5, em 2014, e 3-5, em 2013. Mais recentemente, no ranking 2016 do Nature Index, com ênfase na publicação de artigos científicos em periódicos de grande impacto, a Unesp se posicionou em segundo lugar na América do Sul, melhorando seu desempenho em 47,6% em relação ao ano anterior, sendo a instituição que mais cresceu de 2014 para 2015 entre as seis melhores primeiras colocadas. 



José Celso Freire Junior é assessor-chefe de Relações Externas da Unesp.



Personagens reais com capacidade acima da média

OBRA É PIONEIRA EM UTILIZAR A SÉTIMA ARTE COMO FERRAMENTA PARA ESTUDAR AS ALTAS HABILIDADES

Podemos dizer que, desde que o mundo é mundo, o ser humano tem fascínio pelas pessoas mais capazes, por aquelas que, em alguma área do saber, têm mais facilidade e potencial que as demais. Assim, o livro *Domínios de Capacidade Humana pela Ótica do Cinema* dialoga com o leitor, traçando características de capacidade acima da média e se valendo do encanto que a “sétima arte” nos proporciona.

A enorme tela do cinema, com seus sons, cores, paisagens, cenas, palavras, músicas, vidas... será o dispositivo utilizado para apresentar aos leitores por que personagens reais, como Mark Zuckerberg, Einstein, Eddington, Ben Carson, Homer Hickam, Bobby Fischer, Joshua Waitzkin, Chaplin, Gandhi, Teresa de Calcutá, entre outros, são considerados possuidores de capacidade acima da média.

Se você ficou curioso e, por algum motivo, não conhece todos esses personagens, o que

eles fizeram que mudou a sua própria vida ou a vida de terceiros, o livro *Domínios de Capacidade Humana pela Ótica do Cinema*, certamente, será um bom início nessa jornada. A opção por somente trabalhar com filmes baseados em fatos reais foi uma estratégia usada para que o leitor possa perceber que estamos falando de pessoas verdadeiras, existentes em nosso meio, mas que, por vezes, não são devidamente estimuladas, incentivadas.

Além disso, tem-se a facilidade de aprofundar-se na história de cada personagem, empregando-se materiais disponíveis na mídia e em biografias. O livro evidenciará a persistência e a coragem de cometer erros de seus personagens, bem como o encontro deles com pessoas e fatos que mudaram a sua história, a sua trajetória de vida.

Será possível equacionar que Talento, quando encontra Oportunidade, culmina em Sucesso ($T + O = S$). E, sim, se sucesso é subjetivo, o



que foi sucesso para cada um dos personagens focalizados? Você poderá tirar suas próprias conclusões.

Estamos diante de textos que irão nos apresentar aspectos de inteligência geral, criatividade, liderança, inteligência interpessoal e intrapessoal, exemplificados pela história do criador do Facebook, do “gênio” da relatividade do tempo, de importante neurocirurgião, de engenheiro da Nasa, do melhor xadrezista do século XX, de ator, roteirista e diretor de cinema, escritor e músico, de Prêmio Nobel da Paz, entre outros, demonstrando que capacidade elevada existiu, existe e existirá, em diferentes níveis e em diferentes domínios de capacidade humana.

Mas não se iluda, caro leitor, de que irá encontrar apenas altas capacidades, pois, ao contrário do que muitos ainda acreditam, esses personagens, a despeito de seus talentos, de suas capacidades elevadas em algum campo do saber, têm dificuldades em outros. *Domínios de Capacidade Humana pela Ótica do Cinema*, por ser o primeiro livro a utilizar o cinema como ferramenta metodológica, abre um novo caminho de entendimento de um

assunto pulsante, no contexto brasileiro – as altas habilidades ou superdotação.

Em meio a um cenário histórico em que a mídia tem o poder de enaltecer ou desestimar um indivíduo, o cinema facilita a compreensão

ESTAMOS DIANTE DE TEXTOS QUE IRÃO NOS APRESENTAR ASPECTOS DE INTELIGÊNCIA GERAL, CRIATIVIDADE, LIDERANÇA, INTELIGÊNCIA INTERPESSOAL E INTRAPESSOAL

das altas habilidades, à medida que marca, nas pessoas, por meio dos fatos, cenas e suas histórias, os traços de capacidade elevada.

A cada vez que a pessoa assiste a um filme, ela pode se deparar com um traço que não havia percebido, lembrar-se de uma pessoa, refletir por que certa característica se relaciona a uma determinada capacidade elevada etc. Dessa forma, esperamos que você, leitor, goste da proposta do livro, que possa se apropriar de seus conceitos e definições e que consiga perceber essas pessoas por onde estiver. Uma ótima leitura! 

Domínios de Capacidade Humana pela Ótica do Cinema;
Organizadora: Carina Alexandra Rondini;
Juruá Editora;
150 p., R\$ 54,70



Carina Alexandra Rondini, professora da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Assis, é organizadora do livro *Domínios de Capacidade Humana pela Ótica do Cinema* (Juruá Editora).
Contato: carina@assis.unesp.br ou carondini@gmail.com

Raduan Nassar vence o Camões 2016

ESCRITOR
BRASILEIRO
RECEBE O MAIS
IMPORTANTE
PRÊMIO
LITERÁRIO
PARA OBRAS
EM LÍNGUA
PORTUGUESA

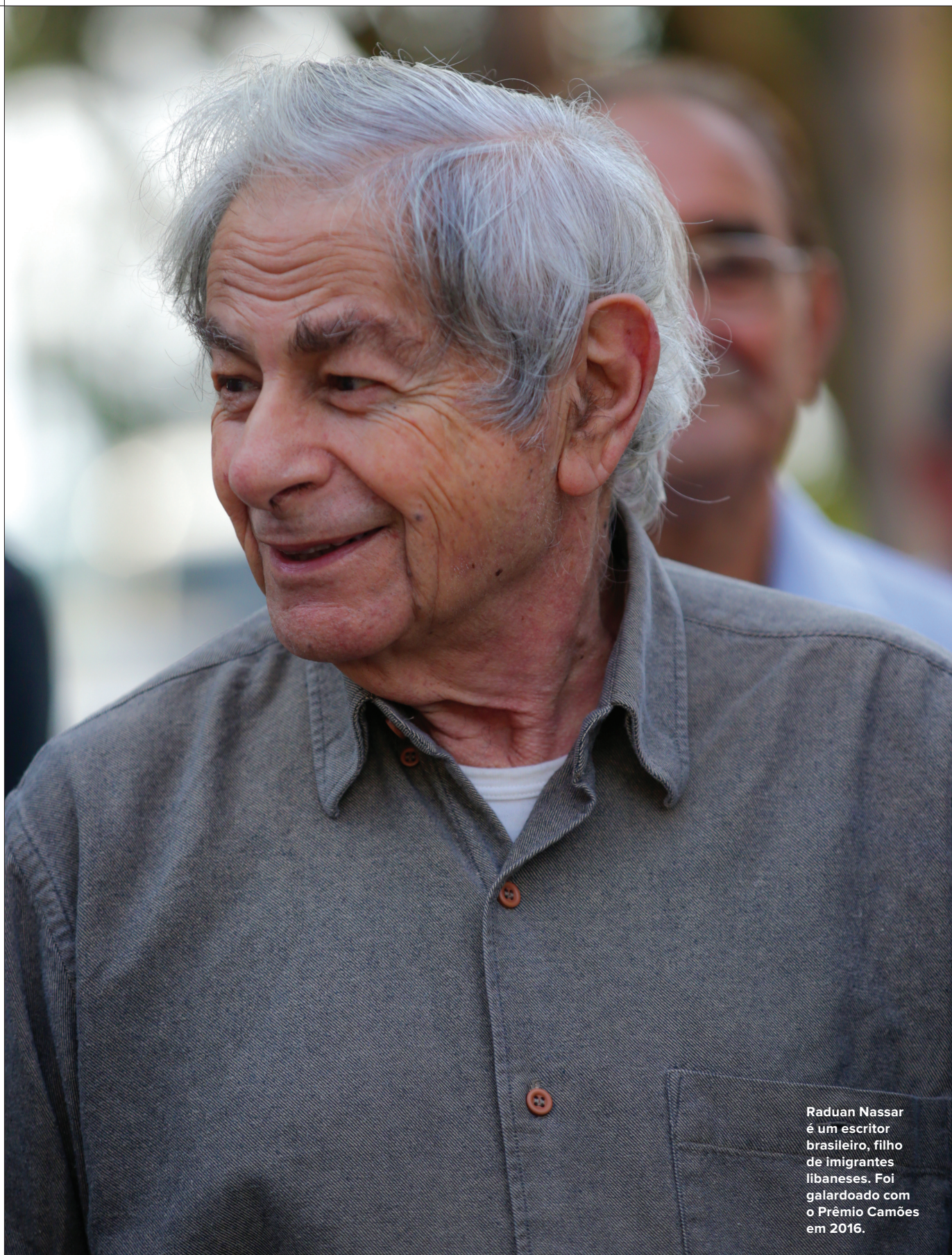
“A literatura não deixa de ser uma forma de tentar, num espaço muito confinado, que é o texto, organizar um mundo que não é exatamente uma reprodução do real, mas um mundo que você imagina. Existe, no texto, essa tentativa de compensar o desequilíbrio e a desordem instalada em toda a sua volta.” (Raduan Nassar)

“Não entendi esse prêmio, minha obra é um livro e meio”, disse Raduan Nassar à *Folha de S. Paulo*, dia 30/5/2016), por ocasião do anúncio de que havia recebido o Prêmio Camões 2016, referindo-se ao compacto conjunto de sua obra – *Lavoura arcaica*, de 1975, *Um copo de cólera*, de 1978, e *Menina a caminho*, 1994, edição não comercial. De fato é um livro e meio se pensamos num romance, numa novela e alguns contos esparsados escritos ao longo dos anos 60 e, depois, reunidos em livro. No entanto, os textos de Nassar são, como sugeriu Julio Cortázar, “esses grãos de areia no imenso mar da literatura continuam aí, palpi-

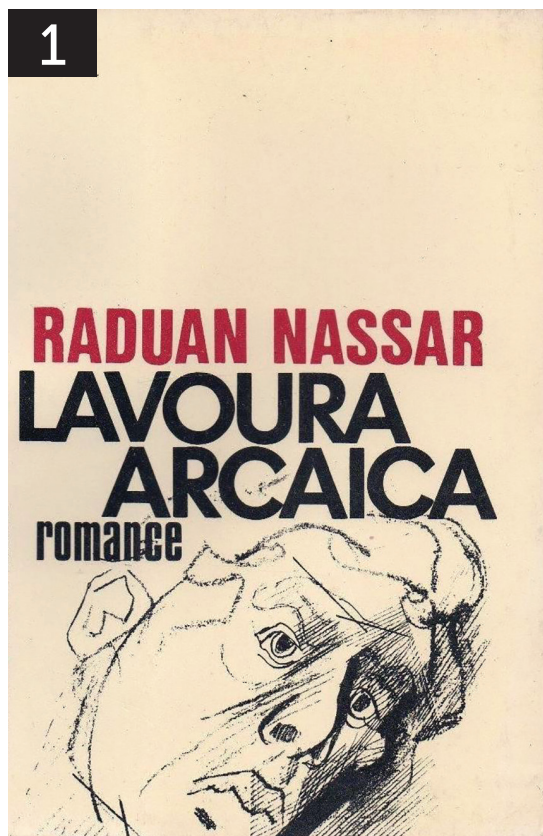
tando em nós” (CORTÁZAR, 2006, p. 155). Compactuamos com as palavras do crítico e escritor argentino, pois *Lavoura arcaica*, por exemplo, chegou até as minhas mãos ainda nos anos da graduação e, desde então, quase toda minha produção científico-acadêmica está atravessada pelas obras do escritor brasileiro.

Depois de terminar *Lavoura arcaica* e *Um copo de cólera*, Nassar se retirou da cena literária para não mais voltar; mudou-se para uma fazenda para criar galinhas e vaca; falou publicamente que necessitava, para saldar as contas com a sua cultura e idiossincrasia ancestral, trabalhar com a terra. Faz quase 40 anos que o escritor fechou a conta com a literatura e afirma categoricamente ter dito tudo o que pensa e sabe nesses três livros.

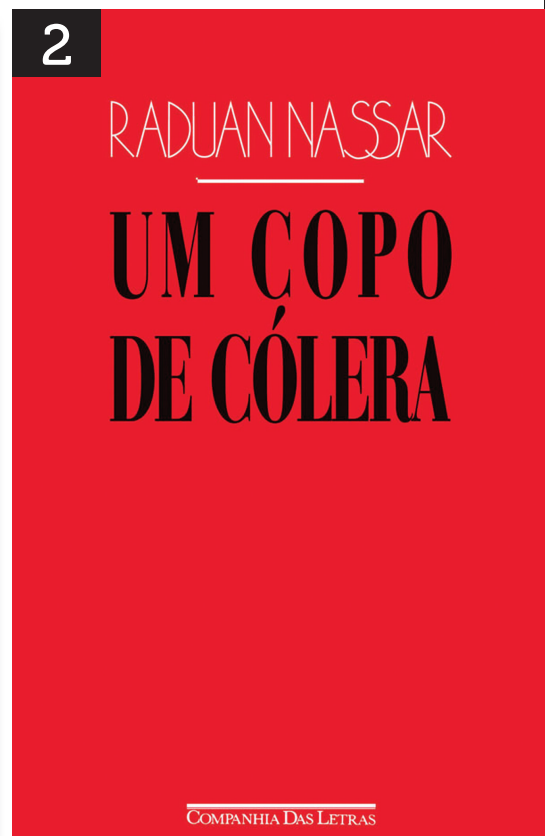
É unanimidade entre a crítica literária destacar a exiguidade do conjunto da obra de Raduan Nassar, bem como considerá-lo uma voz de grande locução e dicção própria na literatura brasileira contemporânea.



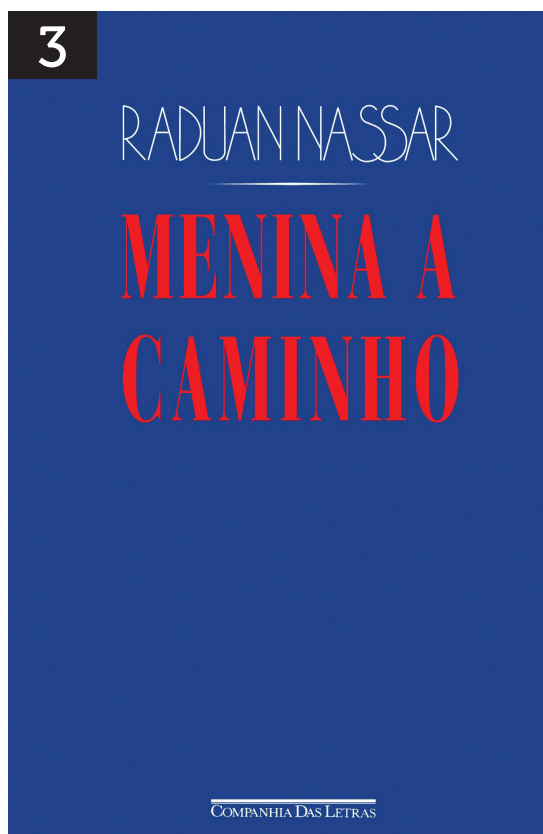
Raduan Nassar
é um escritor
brasileiro, filho
de imigrantes
libaneses. Foi
galardoado com
o Prêmio Camões
em 2016.



1 Capa da 1.ª edição do livro *Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar.



2 *Um copo de cólera*, Raduan Nassar, Companhia das Letras.



3 *Menina a caminho*, Raduan Nassar, Companhia das Letras.

Há um fio invisível que perpassa toda sua obra e um leitor mais atento poderá observá-lo: o veto ao desejo; a frustração devastadora diante de uma demanda não alcançada; um verbo colérico, enxuto, exato; as mulheres sempre aguardando a ação do homem patriarcal, seja qual for.

É justamente guiado por esse fio que o leitor passa a conhecer o trabalho minucioso com as palavras – o artesanato do verbo, que produz uma enxurrada de metáforas, nem sempre alcançada à primeira vista; uma pontuação “estranha” capaz de criar um efeito desenfreado de leitura para os mais desavisados. Às vezes, ainda que agarrados ao fio, levamos uns solavancos com as notícias que os narradores nos fazem saber. Em *Lavoura*, a personagem narradora, André, declara amar sua irmã Ana; esta, por fazer com que o patriarca da família seja ferido em seus preceitos, é assassinada por ele, que elimina com o golpe de um alfanje o demônio do incesto – “[...] e, fendendo o grupo com a rajada de sua ira, meu pai atingiu com um só golpe a dançarina oriental (que verme-

lho mais pressuposto [...]”. (NASSAR, 1989, p. 192) – que invadira sua casa. O narrador diz, ademais, ser a mãe a grande culpada – a aliciadora – pelo amor entre os irmãos e pela derrocada da família: “[...] te exorto a reconhecer comigo o fio atávico desta paixão: se o pai no seu gesto austero, quis fazer da casa um templo, a mãe, transbordando no seu afeto, só conseguiu fazer dela uma casa de perdição” (NASSAR, 1989, p. 136).

Um copo de cólera traz a explosão do verbo à máxima potência e irrompe junto com os gestos das personagens masculina e feminina. A força da palavra se reflete nas ações exasperadas do homem e da mulher: um encontro aparentemente tranquilo entre o casal se transforma na cólera e na ira de ambos, revelando a brutalidade da personagem masculina que agride a feminina com crueldade e prazer. De igual modo, podemos observar esse trabalho com as palavras no conto “Menina a caminho”: a explosão das ações e do verbo se dá simultaneamente. E assim, por intermédio da tensão e força desse verbo colérico, nos inteiramos das ações das personagens de Raduan Nassar.

“A casa está tomada, mas a voz forte de Zeca Cigano, sobrepondo-se ao berreiro das crianças e os gritos da mulher, de repente explode: “Cadela!”

Marido e mulher se pegam num rude bate-boca que se prolonga até que [se] houve a primeira chicotada, acompanhada de uma falsa inquisição:

“Quem é que te ofendeu?”

E ouve a segunda chicotada, acompanhada também de uma falsa inquisição:

“Quem é que me ofendeu?”

A tala da cinta vibra no ar, um estalo terrível quando o couro desce na bunda da costureira (NASSAR, 1997, p. 46).”

Conforme se observa no extenso excerto acima, o verbo demonstra a cólera das personagens que chega ao extremo – a violência física empreendida contra a mulher; esta, por efeito de sugestão, teve um relacionamento extraconjugal e é ofendida pelo amante, conforme se verifica nas arguições de Zeca Cigano à mulher.

As duas perguntas da personagem masculina dirigidas à costureira seriam idênticas, não fosse a substituição do pronome pessoal “te” por “me”; daí, podemos empreender a leitura de que a personagem feminina é ofendida pelo amante e, por conseguinte, a masculina também pela traição que sofre. Esse episódio sem muita falácia demonstra nosso pensamento sobre a tensão e a força do verbo empreendidas por Raduan Nassar. E ele afirma: “Dei conta de repente de que gostava de palavras, de que queria mexer com as palavras. Não só com a casca delas, mas com a gema também” (NASSAR, 1996, p. 24).

Lavoura apareceu no mercado editorial em 1975 e *Um copo* em 1978. O primeiro já tem 40 anos, o segundo é apenas 3 anos mais jovem

A OBRA DE NASSAR NÃO PODE SER ENQUADRADA NUM ISTO OU AQUILO, DANDO A ENTENDER UMA DICOTOMIA QUE LIMITE A ABRANGÊNCIA TEMÁTICA

e as narrativas de ambos continuam bastante atualizadas, seja pela crítica que continua inventando novas leituras, seja pela relação entre os textos nassarianos com a cultura e a idiosincrasia hodiernas das sociedades ao redor do mundo.

Entre tantas outras temáticas, *Lavoura* representa o modelo familiar tradicional – pai, mãe, filhos, e nos revela que esse modelo pode ser falível, também, como qualquer outro. Nesse sentido, podemos pensar no direito igualitário de os sujeitos adquirirem e/ou construírem outros rearranjos familiares que não apenas o tradicional. Para o escritor, “A família continua sendo um filão e tanto para um escritor de ficção. Não tem quem não se toque, não blasfeme contra a família, não tem quem não chore de nostalgia. O que prova que todo mundo tem pelo menos um pezinho bem plantado nela [...]” (NASSAR, 1996, p. 29).

No mês em que Raduan Nassar recebeu o Prêmio Camões, uma adolescente foi severamente violentada por mais de 30 homens no

Rio de Janeiro; o que escancara a violência de que as mulheres, no século XXI, ainda são vítimas. Têm o que é de mais privado – seu corpo – usurpado, subjugado, mutilado e sem possibilidade de defesa frente a outro(s) corpo(s) – o masculino. Em *Um copo de cólera*, a personagem feminina não é apenas agredida fisicamente, mas também humilhada por ser mulher, em sua profissão, tem sua inteligência ultrajada, é comparada a algo vil, um objeto sem qualquer valor – a coisificação do outro. *Um copo*, nessa perspectiva, tem muito a contribuir com as discussões empreendidas pelos Gender Studies; este é um tema urgente na pauta político-social para a construção de igualdade entre os gêneros.

O CAMÕES 2016 ENTENDE O RIGOR E A QUALIDADE EM QUE SE ANCORA O PROJETO ESTÉTICO NASSARIANO

A obra de Nassar não pode ser enquadrada num isto ou aquilo, dando a entender uma dicotomia que limite a abrangência temática e morfossintática. Em outras palavras, sua produção literária é “isto e aquilo” simultaneamente – bem ao gosto de Jacques Derrida, que propõe a desconstrução de qualquer modelo dicotômico, exaltando a *différence* num mesmo objeto. Assim, o autor não arquiteta seu constructo literário apenas com um verbo colérico e ruidoso, mas também de silêncios: “Desde minha fuga, era calando minha revolta (tinha contundência o meu silêncio! tinha textura a minha raiva!) que eu, a cada passo me distanciava lá da fazenda [...]” (NASSAR, 1989, p. 35).

É nítido o silenciamento das personagens de *Lavoura arcaica*, da personagem central do conto “Menina a caminho”, da mulher que implora, em silêncio, por afetos a seu homem, no conto “De madrugada”.

De Ana, nada se sabe; em nenhum momento é dada a ela a oportunidade de expor seus sentimentos em relação à família, a André, ao pai. Conforme as palavras de Pedro, o irmão

primogênito “[...] ninguém em casa consegue tirar nossa irmã do seu piedoso mutismo [...]” (NASSAR, 1989, p. 39). Aqui, além do silêncio, revela-se a hipocrisia de Pedro travestida de zelo à família (como também o faz Iohána, o patriarca), pois esse silenciamento faz parte de uma imposição familiar, não parte de Ana.

A criança de “Menina a caminho” sofre uma série de violências pelos vários lugares em que passa durante sua caminhada que perpassa toda a narrativa. Em resposta às agressões simbólicas – xingos, desacatos, humilhações, separação de classe – ela dá seu imutável silêncio.

Em *Lavoura*, André percebe o poder do silêncio, denuncia a falácia paterna, não segue os preceitos de quem diuturnamente está com a palavra e não a dá a qualquer que seja; é o senhor absoluto, o patriarca, o dono por excelência do falo que não circula. Iohána, ao proferir seus sermões durante as refeições, talvez o faça de modo a criar o diálogo dos surdos – a (inter) (in) compreensão entre os membros familiares, pois “Não se pode levar a sério alguém que continue indefinidamente a bradar contra tudo e todos” (PERRONE-MOISÉS, 1996, p. 77).

Ainda em relação à exaltação ao silêncio, o narrador diz que o avô é o autor de um autêntico discurso, da palavra exata, categórica, que traz o entendimento a todas as coisas:

“(Em memória do avô, faço este registro: ao sol e às chuvas e aos ventos, assim como a outras manifestações da natureza que faziam vingar ou destruir nossa lavoura, o avô, ao contrário dos discernimentos promíscuos do pai – em que apareciam enxertos de várias geografias, respondia sempre com um arrote tocoso que valia por todas as ciências, por todas as igrejas e por todos os sermões do pai: “Maktub.”) (NASSAR, 1989, p. 91).”

O fragmento acima é todo o capítulo 15 do *Lavoura* e demonstra o quanto André aprecia o discurso parco do avô em detrimento da verborreia paterna, que machuca mais que ensina, mais atrapalha que ajuda, mais desnorteia que conduz e não traz a luz tão apreçoada pelo pai.

No conto “De madrugada”, narrado em pri-



Flávio Adriano Nantes Nunes é doutorando do Programa de Pós-graduação em Letras, na área de Teoria e Estudos Literários, da Unesp de São José do Rio Preto, e professor assistente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/CCHS).

meira pessoa por uma personagem masculina, é instaurado o silêncio por parte do narrador e sua mulher. Na madrugada, enquanto os demais dormem silenciosamente, marido e mulher ocupam o mesmo espaço da casa, sem nenhuma comunicação entre eles. Ela pateticamente implorando por afeto, e o faz por intermédio de um bilhete: “Foi uma caligrafia rápida e nervosa, foi uma frase curta que ela escreveu [...] ‘vim em busca de amor’” (NASSAR, 1997, p. 54-55). Ao que o marido responde também por escrito: “[...] não tenho afeto para dar [...]” (NASSAR, 1997, p. 55). O silêncio para a mulher é estridente, angustiante, desesperador, pois acompanha a espera de uma demanda que não vem. Nesse conto, o silêncio, assim como o verbo colérico que jorra, desestabiliza a personagem que o recebe, provoca uma inquietação no leitor que passa a “esperar” uma informação que não chega.

Para Raduan Nassar, talvez o silêncio seja tão importante que ele próprio preferiu, como sua personagem de “Aí pelas três da tarde”, um redator de jornal, retirar-se da cena escritural, abandonando a literatura e deixando-se embalar por outras motivações. Seu silenciamento contundente, como o de André, não permite ao escritor fazer aparições públicas, dar entrevistas, tampouco comparecer a eventos literários. Sobre a literatura diz não ter mais nada a acrescentar. Assim, de gritos e silêncios compõem-se Raduan Nassar e sua obra sem muitos paralelos na literatura brasileira.

O Camões 2016, o mais importante prêmio literário para obras em língua portuguesa, atribuído a Raduan Nassar, entende, com um júri altamente qualificado, o rigor e a qualidade em que se ancora o projeto estético nassariano, o lugar que o conjunto da obra ocupa nas questões políticas e sociais e a oposição contra qualquer tipo de conservadorismo. Poderíamos empreender laudas e laudas para endossar ou legitimar a obra de Raduan Nassar e alocá-lo à categoria de um escritor dos excelentes, no entanto, o Prêmio galardoado ao brasileiro o faz por si só e endossa nossas palavras e as das críticas nacional e internacional. 



© Luís de Camões, por François Gerard / Wikimedia Commons

REFERÊNCIAS

CORTÁZAR, Julio. *Valise de Cronópio*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

NASSAR, Raduan. *A conversa*. *Cadernos de Literatura Brasileira*. Instituto Moreira Salles, São Paulo, n. 2, set. de 1996.

_____. *Lavoura arcaica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. *Menina a caminho*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. *Um copo de cólera*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Da cólera ao silêncio. *Cadernos de Literatura Brasileira*, Instituto Moreira Salles, São Paulo, n. 2, set. de 1996.

O Prêmio Camões, instituído pelos governos do Brasil e de Portugal em 1988, é atribuído aos autores que tenham contribuído para o enriquecimento do patrimônio literário e cultural da língua portuguesa.



Estados contra trabalhadores

LIVRO ENFOCA INTERVENÇÕES NA CRISE GREGA (JUNHO DE 2011 A JULHO DE 2015)

A obra *Estados contra trabalhadores*. Intervenções na crise grega (Junho de 2011 a Julho de 2015) trata da “crise grega” ou “período de memorandos” e propõe análises a partir da perspectiva do direito, da democracia e da teoria do Estado. O ponto de partida é uma constatação política: essa crise, apresentada pela mídia e pelos governos como crise de endividamento do Estado grego e de má administração de recursos públicos, é acima de tudo um ataque do capital contra as forças do trabalho. Esse ataque foi organizado e reforçado pela ação coordenada da União Europeia e dos Estados nacionais em cooperação com o próprio Estado grego. Isso justifica o título do livro: *Estados contra trabalhadores*.

O problema do endividamento é real e tem entre suas causas a má gestão, os privilégios fiscais concedidos a empresas, a sonegação

fiscal não combatida, além do clientelismo e das redes de corrupção do sistema político por empreiteiras e multinacionais. Nos últimos anos as causas dessa crise financeira não foram combatidas. Os Estados responderam com o dismantelamento do Estado social e o corte de aposentadorias e salários. O resultado foi uma esmagadora derrota das classes trabalhadoras que veem os seus ganhos, propriedades, renda, benefícios sociais e condições de trabalho cada vez piores.

A constatação teórica se dá com base no questionamento da democracia pela “incapacidade do povo”, ou seja, pela falta de estruturas e procedimentos que permitam uma resistência efetiva às sobreposições do poder. A vitória do “Não” no plebiscito de 5 de julho de 2015 era uma decisão para abandonar os acordos de pagamento da dívida pública e mu-



dar de rumo político. Nem essa decisão nem as mobilizações populares tiveram resultado. O ataque contra o trabalho continua, confirmando a fraqueza das forças populares.

O livro analisa aspectos jurídicos dessa crise, mostrando a unilateralidade das ações do Estado e criticando mitos políticos, como, por exemplo, a discussão sobre a saída da Grécia do sistema monetário do euro, algo que é expressamente proibido pelos tratados da União Europeia. Além disso analisa a relação entre as teorias da democracia e do poder constituinte popular com a prática política que procura substituir os valores e argumentos políticos por argumentos “técnicos” e cálculos econômicos.

Interessam esses acontecimentos o público brasileiro? Entendemos que sim. Por mais que a imprensa brasileira tenha tratado a crise grega apenas nas páginas da economia, ela tem

crucial importância para a política mundial e brasileira.

De te fabula narratur – esse famoso ditado do poeta romano Horácio pode ser traduzido como: É de ti que a história fala. As reflexões sobre a crise na Grécia podem ser aplicadas à atual situação brasileira. Há certamente diferenças, pois o problema da Grécia era mais de déficit econômico, enquanto no Brasil (pelo menos até agora) o problema é mais sobre corrupção política. Mas certamente as semelhanças são muitas e a atual política brasileira mostra que a “conta” deverá ser paga pelos trabalhadores com cortes nos orçamentos sociais, perdas de direitos trabalhistas e diminuição de salários. Em todos os casos a democracia como vontade da maioria está sendo ameaçada por projetos de poder de minorias. 



Soraya Lunardi, professora da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Araraquara, é autora, com Dimitri Dimoulis, da obra *Estados contra trabalhadores. Intervenções na crise grega (Junho de 2011 a Julho de 2015)*, lançada pelas Edições Taxideftis. Atenas, 2016. Este texto é a apresentação da obra.

A Itália atual pode servir de modelo para o Brasil?

REPÚBLICA
DA VELHA BOTA
COMPLETA
70 ANOS

O *Globo Repórter*, famoso e antigo programa da Rede Globo, apresentou, em maio, matéria sobre a qualidade de vida na Itália, apesar da crise econômica que por lá dura quase uma década. Na verdade, não muito discretamente, o que se sugeriu na matéria jornalística foi a ideia de que o Brasil atual poderia copiar ou imitar as “soluções” italianas para conviver pacificamente com a crise econômica (que no Brasil promete ser longa, como também parece sugerir o programa).

As qualidades do cotidiano da Itália atual, na visão do programa, dizem respeito sobretudo ao “savoir vivre” dos italianos, que, em meio à crise que vitimou milhares de empregos, sobretudo na indústria, souberam resistir e procuraram no passado milenar, nas tradições e no uso sensato da (belíssima) paisagem na-

tural os meios para dar a volta por cima ou, ao menos, contornar o alto desemprego e a falta de perspectivas.

Méritos certamente o programa teve, principalmente ao mostrar que os jovens, até os muito jovens, com menos de 25 anos, voltaram-se para a agricultura, recuperando antigas práticas que respeitavam o meio ambiente e que produziam alimentos saudáveis. Nas prateleiras dos supermercados italianos, nas feiras e exposições, é inacreditável a quantidade de produtos orgânicos e veganos de qualidade, além dos tradicionais que se apresentam renovados e aperfeiçoados, e quase sempre os produtores são cooperativas formadas por jovens. No entanto, o segredo da capacidade italiana de ressurgir das cinzas, da destruição, está na sua própria história, inclusive na sua





© Freemages

história mais recente, após a Segunda Guerra Mundial.

Em 2 de junho de 1946, há exatos 70 anos, o povo italiano escolheu a República, em detrimento da Monarquia existente, bastante comprometida com o fascismo e, de certa forma, também responsável pela desastrosa aventura italiana na Segunda Guerra, na qual Mussolini, para contentar o poderoso aliado Hitler, jogou a nação numa guerra para a qual não estava minimamente preparada. Desde então, o país passou por profundas transformações que provocaram um enorme progresso material, mas também, como o cinema e a literatura buscaram representar, um choque na estrutura arcaica e agrária, principalmente no Sul, a região mais atrasada e mais sujeita à criminalidade organizada. É claro que estou

me referindo ao famoso “miracolo econômico” (milagre econômico) que alçou o país à condição de industrializado e com boa qualidade de vida, apesar da ineficiente estrutura governamental e dos contrastes internos entre o Norte, mais sintonizado com o resto da Europa, e o Sul, que ainda hoje enfrenta problemas seculares como o alto desemprego e a corrupção na vida pública. Depois, vieram os anos 60 e, sobretudo os anos 70, anos de crise econômica e de terrorismo (de extrema esquerda e de extrema direita), provocando estragos que ainda hoje repercutem na esfera política. A recuperação do país sempre foi imediata e decisiva, embora muitos problemas de ineficiência dos serviços públicos, por exemplo, ainda persistam. Talvez isso confirme o que pensava Montale, grande poeta italiano, quando afirmava que, por on-



de passaram grandes civilizações, a grandeza nunca se apaga completamente.

Que lições esse país milenar, na atualidade, poderia dar ao Brasil? É preciso tomar cuidado ao fazer aproximações e comparações

de hoje? No entanto, as qualidades italianas não são iguais às qualidades brasileiras, e a “cidade” italiana não é semelhante à do Brasil.

Concluindo, apesar das enormes diferenças, há dois aspectos da sociedade italiana atual que o Brasil poderia tomar como modelo, não apenas para sair da crise, mas para encontrar definitivamente o caminho do desenvolvimento: a boa escola pública e a eficiente estrutura sanitária italiana. No entanto, se a escola italiana, na imensa maioria dos casos, se manteve pública, assim como a estrutura sanitária, é por ter adotado um sistema de cobrança de taxas (não onerosas) que leva em consideração a renda familiar de cada cidadão. O assunto já foi discutido tantas vezes em nosso país, encontrando sempre resistência de certos setores que alegam se tratar de um processo de elitização do ensino e da saúde. Trata-se, a meu ver, de um grande equívoco, pois o que existe atualmente pode ser gratuito, tanto na escola como na saúde, mas é extremamente ineficiente e estimula a prática de pagamentos paralelos e ilegais, muitas vezes denunciados pela mídia. Mas isso é tema, talvez, para um futuro artigo. Termino parabenizando a “velha bota” pelos 70 anos de República (e que durem milhares de anos!). 

EM 2 DE JUNHO DE 1946, O POVO ITALIANO ESCOLHEU A REPÚBLICA, EM DETRIMENTO DA MONARQUIA EXISTENTE

apressadas. Como bem lembra o pensador Guicciardini, no número 110 das *Reflexões* (é a terceira vez que cito essa obra nos últimos tempos!), “são tolos os que a cada palavra alegam os romanos, pois seria preciso ter uma cidade como era a deles, e depois governar-se segundo aquele exemplo, o qual, para quem tem qualidades desproporcionais, é tão desproporcional quanto querer que um asno corra como um cavalo”. Guicciardini se referia a Maquiavel, que acreditava ser possível utilizar como referência as sociedades grega e romana para a prática política em Florença, durante o século XVI. Será que nós também poderíamos adotar como modelo para sair da crise, como tenta sugerir o *Globo Repórter*, a Itália dos dias



Sérgio Mauro é professor da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Araraquara.

Este artigo foi publicado no *Estadão Noite* de 3 de junho de 2016.



Celso Amorim revela a política brasileira de Defesa Nacional

LIVRO EXPÕE AS ESTRATÉGIAS PARA A PRESERVAÇÃO DOS INTERESSES NACIONAIS

Quais são as políticas de defesa de um país democrático e pacífico, mas detentor de importantes reservas naturais e que figura entre as principais economias do mundo? Como articular a defesa dos interesses nacionais com a promoção da paz? Um caminho que trata concretamente dessas questões estratégicas está delineado no conjunto de textos e pronunciamentos de Celso Amorim no período em que esteve à frente do Ministério da Defesa brasileiro – entre agosto de 2011 e dezembro de 2014 – e que agora estão reunidos em *A grande estratégia do Brasil*, coedição da Fundação Alexandre de Gusmão e da Editora Unesp, com apoio do Instituto Pandiá Calógeras.

Já em seu pronunciamento na cerimônia de posse como ministro da Defesa, que abre o livro, Amorim traça os temas a serem trabalhados: a modernização das forças armadas, o fortalecimento da indústria nacional de defesa, a capacitação tecnológica nacional, a cooperação de defesa com os parceiros da América

do Sul e do Atlântico Sul, a contribuição do país como provedor de paz às Nações Unidas e o papel dos militares em uma sociedade democrática. Seguem-se outros 29 discursos, selecionados de modo a elucidar os principais aspectos relacionados a uma política pública de defesa, mas também abarcando aqueles que se tornaram simbólicos diante das circunstâncias em que foram proferidos. Em conjunto, tornam-se representativos das diferentes atividades do Ministério, para além da sua atividade primordial de defesa.

Em uma segunda seção estão reunidos três artigos e cinco entrevistas, em que articula política externa e política de defesa, interesse nacional e cooperação internacional. Comissão da Verdade, Integração sul-americana, pirataria na África, terrorismo, a atualidade de José Bonifácio e guerra cibernética são alguns dos assuntos tratados diretamente por Amorim ou em conversas com jornalistas, como Miriam Leitão e Martin Granovsky. 



A grande estratégia do Brasil: Discursos, artigos e entrevistas da gestão no Ministério da Defesa;
Celso Amorim;
FUNAG e
Editora Unesp;
398 p.; R\$ 31.

SOBRE O AUTOR
Celso Amorim foi ministro das Relações Exteriores durante o governo Itamar Franco (1993-1994) e durante o governo Lula (2003-2010). Foi ministro da Defesa durante o governo Dilma Rousseff (2011-2014). Atualmente, o embaixador Amorim é membro da Unidade de Inteligência da Fundação Getúlio Vargas, membro do Conselho Diretor do International Crisis Group, chefe da missão de observação eleitoral da Organização dos Estados Americanos no Haiti e membro do Painel de Alto Nível do Secretário-Geral das Nações Unidas sobre Acesso a Medicamentos.



© Agência Brasil/Tomaz Silva

Vacinação: sucessos e desafios

DIA NACIONAL
DA IMUNIZAÇÃO
ALERTA PARA
IMPORTÂNCIA
DO TEMA

Dia 9 de junho é comemorado o Dia Nacional da Imunização, data cujo objetivo é chamar a atenção para a importância da vacinação na saúde da população. Entre as atividades de saúde pública idealizadas pelo governo brasileiro, o Programa Nacional de Imunizações, criado em 1973 pelo Ministério da Saúde, destaca-se por seus vários êxitos.

Através de campanhas de vacinação coordenadas pela Organização Mundial da Saúde, a varíola, uma mortal doença transmissível que acompanhou a humanidade por milhares de anos, foi erradicada do planeta em 1977 e o último caso registrado no Brasil ocorreu em 1971. A poliomielite ou paralisia infantil é outra doença que também foi erradicada do

país por conta da vacinação. O último caso da pólio foi registrado em 1989 mas como essa doença ainda persiste em alguns países da África e da Ásia, a vacina continua a ser administrada às crianças brasileiras.

Outras doenças preveníveis por vacina estão em vias de ser eliminadas do Brasil. Os casos de tétano caíram rapidamente nos últimos 20 anos e a forma neonatal da doença, que afeta os recém-nascidos, está quase erradicada do país. O sarampo também está em vias de desaparecer do Brasil; nos primeiros anos do século XX não foram registrados casos da doença e, mais recentemente, ocorreram apenas surtos isolados, em decorrência de falhas na cobertura da vacinação. A rubéola, outra doen-



ça viral prevenível por vacina, encontra-se em situação semelhante à do sarampo.

O desenvolvimento das vacinas só foi possível com as descobertas da revolução bacteriológica no século XIX. Destacam-se os trabalhos de Louis Pasteur, que descobriu a vacina contra a raiva em 1886, modelo tecnológico para dezenas de outros produtos que vieram depois. Antes de Pasteur havia apenas a vacina braço a braço contra a varíola, que não era um produto seguro nem podia ser produzida em larga escala, o que limitava a sua utilização.

Hoje sabemos que as vacinas funcionam através da introdução no organismo de uma parte ou de todo um microrganismo, que pode

estar vivo e atenuado, ou morto. O objetivo é provocar uma reação do sistema imunológico, produzindo anticorpos, que no futuro protegerão o indivíduo em caso de contato com o germe causador da doença.

Se hoje a importância das vacinas é amplamente reconhecida, nem sempre a população esteve receptiva à vacinação. O exemplo mais conhecido no país é o episódio da “Revolta da Vacina”, rebelião popular que ocorreu no Rio de Janeiro contra a obrigatoriedade da vacina contra a varíola, aprovada pelo Congresso Nacional em 1904. Outro exemplo tem sido a

LABORATÓRIOS EM TODO O MUNDO CORREM EM BUSCA DE PRODUTOS CONTRA VELHAS DOENÇAS QUE AINDA ASSOMBRA A HUMANIDADE

reação de grupos sociais conservadores contra a vacina para o HPV, que passou a integrar o Calendário Nacional de Vacinação em 2014. Eles acreditam que o fato dessa vacina ser oferecida às meninas de 9 a 13 anos funcionaria como um estímulo à iniciação sexual precoce.

Apesar do alvoroço envolvendo a vacina contra a gripe durante a epidemia de H1N1 em 2016, esse produto não tem sido bem recebido desde que passou a ser oferecido em 1999. Mitos como a ideia de que a vacina, em lugar de proteger, é capaz de provocar a gripe têm impedido o sucesso das campanhas, principalmente entre os idosos, um dos grupos alvo da vacinação.

Novas vacinas deverão surgir nos próximos anos. Laboratórios em todo o mundo correm em busca de produtos contra velhas doenças que ainda assombram a humanidade. É o caso da vacina contra a dengue, aguardada com grande expectativa para 2017/2018; já existe uma vacina no mercado, mas que não foi adotada pelo governo brasileiro, em decorrência de suas limitações técnicas. Já as vacinas contra a aids, a malária e a doença de Chagas são produtos que demorarão muitos anos para chegar ao mercado. 



Rodolpho Telarolli Jr. é médico, doutor em Saúde Coletiva e professor da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da Unesp em Araraquara.



A importância dos artefatos digitais

OBRA DISCUTE INCREMENTO DA TRANSPARÊNCIA, ACCOUNTABILITY E PARTICIPAÇÃO NA SOCIEDADE CIVIL

Poucos eventos provocaram tanta comoção e chamaram tanta atenção no Brasil recente quanto as gigantescas manifestações de junho de 2013.

Já se passaram mais de dois anos e ainda continuamos a nos perguntar o que as provocou e o que delas permaneceu, ou seja, quais teriam sido suas determinações e que efeitos elas produziram na vida política do País.

Entre as inúmeras análises que surgiram com a intenção de responder a estas indagações, algum consenso se formou. As manifestações foram políticas, mas não seguiram nenhuma cartilha política e, sobretudo, buscaram novos caminhos para a ação política. Afastaram-se de partidos e lideranças, chegando mesmo a se opor abertamente a tudo o que pudessem sugerir vínculos com a política instituída. Não foram contra este ou aquele governo em particular, este ou aquele partido, mas contra todos. Não contra o Estado ou o mercado, mas

a favor de um poder público que se volte para a sociedade e os cidadãos. Sua agenda não foi clara e nem bem estruturada, mas alguns pontos foram taxativamente centralizados: mobilidade urbana, mais voz para os jovens, fim da corrupção, mais e melhores políticas públicas. Não tiveram cor definida nem uma única palavra de ordem: foram multicoloridas, plurais, dinâmicas, móveis, espasmódicas. Valeram-se intensamente das tecnologias de informação e comunicação, das redes, dos celulares, de selfies e postagens-relâmpago. A própria mobilização não se fez segundo parâmetros conhecidos e somente em aspectos secundários puderam ser percebidos pontos de ligação com as manifestações dos anos 1960, com os comícios em favor das eleições diretas em 1984 ou com os “caras-pintadas” que pediram o impeachment de Fernando Collor em 1992.

Chegamos assim ao ponto de poder dizer:



© Václav Campanato/ABr

em junho de 2013, a hipermodernidade explodiu nas ruas brasileiras, exibindo seu estilo imprevisível, sua falta de “narrativa” sustentável, sua distância da política instituída, sua adesão às redes e ao uso intensivo das tecnologias de informação e comunicação, sua mobilização e movimentação horizontais.

As manifestações políticas de protesto e contestação adquiriram assim outra forma, outro ritmo, outra modulação, assim como novas pautas e novos protagonistas.

No vasto território da sociedade civil, algo semelhante já estava em marcha há mais tempo. A proliferação de organizações não-governamentais, o voluntariado, a ênfase empresarial na “responsabilidade social” e a busca de novos modos de participar na esfera pública haviam se sucedido com grande rapidez, a indicar no mínimo um aumento da fragmentação, da diferenciação e da complexidade social.

Por fim, pelo ângulo do Estado e do go-

verno, ao menos desde os anos 1990 já se ouviam os ecos da modernidade capitalista que se radicalizava e se tornava mais tecnológica. As experiências de governo eletrônico e de “empowerment” da cidadania, assim como a reformulação dos processos de gestão e formulação de políticas, caminharam ao lado das tentativas de ampliar a participação na administração e no governo da sociedade. O orçamento participativo se seguiu à experiência dos conselhos setoriais balizada pela Constituição de 1988.

Com os protestos de junho de 2013, tornou-se evidente que o País mudara, que sua estrutura e sua estratificação acompanhavam o que se passava nas sociedades contemporâneas. Seu sistema político, porém, estacionara, deixando de dialogar com os cidadãos. A sociedade havia se tornado gradualmente mais dinâmica e mais diferenciada, com mais mobilidade social, novas culturas e novas ex-

Manifestantes ocuparam o Congresso Nacional, em Brasília, para protestar contra os gastos na Copa de 2014, corrupção e por melhorias no transporte, na saúde e na educação pública.

pectativas. Passara a funcionar cada vez mais em rede. Os centros de poder entraram em crise, perderam transparência e força. O poder deixou de se concentrar exclusivamente no Palácio do Planalto ou em algum outro palácio: disseminou-se por vários centros e nichos, ainda que em escala e potência diferenciadas. Os partidos foram pesando cada vez menos na organização de consensos sociais. Era como se estivesse em marcha uma revolução sem revolução, a sociedade ultrapassando o sistema político e pondo em xeque o que estava instituído. O conflito social havia sido reconfigurado pela digitalização da vida e por modificações importantes ocorridas no mundo do trabalho.

Todo esse processo, que se articula com as modificações que se espalham pelo mundo do capitalismo global e da modernidade radicalizada, desceu às ruas de junho de 2013. As

OS ARTIGOS AQUI REUNIDOS COMPÕEM UM CONJUNTO QUE ASSUME CLARAMENTE A NECESSIDADE DE SE BUSCAR A MULTIPLICAÇÃO DOS FOCOS E DOS OLHARES

determinações dos protestos inscreveram-se não somente na história nacional e na conjuntura política mas também na realidade do capitalismo globalizado. E por mais que já tivessem sido dados sinais de que algo se mexia no subsolo, tudo veio à tona de uma só vez. Daí, talvez, a dificuldade para que se compreenda o que se passou.

Naquele mês emblemático, a hipermodernidade emergiu com tudo nas ruas. Trouxe consigo uma nova politicidade, à margem de partidos e organizações e repleta de tendências “niilistas” pré-políticas. Não faz sentido romantizar os protestos, vê-los como sendo o anúncio de uma democracia revitalizada e ignorar que eles foram uma “terra de ninguém”, aberta ao protagonismo genérico de muitos grupos e indivíduos. As vozes da revolta verbalizaram demandas reais, mas também muita intolerância e incompreensão. Disseram

Manifestantes ocuparam a Av. Paulista, em São Paulo.



muitas coisas, mas não forneceram soluções. Despertaram consciências e tiraram a política da letargia, mas mostraram ter baixo poder de agenda e dificuldades para elaborar uma análise da situação e coordenar os próprios passos políticos. Mesmo assim, seu efeito positivo não pode ser desprezado.

Foi um efeito de longo prazo: a política e a gestão se viram forçadas a levar em conta a realidade viva das ruas, vê-las não mais como “estoque” de votos, como local de existência de massas que “falariam” em momentos eleitorais, mas como um dado permanente, um sujeito que pesa e determina muita coisa. Os governos encolheram a partir de então, com dificuldades para saber como reagir e o que fazer. Levaram consigo o sistema político, que se desarvorou e perdeu o eixo que bem ou mal o sustentara até então. A polarização cresceu, tornando a disputa política menos interessante,



© Marcelo Camargo/ABR

mais cansativa e mais distante do cotidiano popular. As ruas ficaram entregues à própria sorte, sem presença partidária, sem coordenação. Permaneceram ativas, como no ano de 2015, fazendo sentir sua voz, ainda que sem um programa muito claro. Em parte, foram capturadas por discursos conservadores, mais à direita, mas em nenhum momento deixaram de expressar indignação, desejo de mudança e revolta contra a política instituída.

O livro que o leitor tem agora em mãos presta um serviço importante para que se compreendam as novas dimensões e os novos modos de ação política impulsionados pelo uso generalizado de “artefatos digitais” e tecnológicos (Internet, redes sociais, celulares, blogs, sites, portais), que exercem forte poder de comando sobre a vida em seu todo, e portanto sobre a mobilização da sociedade civil e as possibilidades de avanço e de qua-

lificação da democracia. As reflexões feitas acima são contempladas pelos diversos artigos agrupados neste livro. Se no caso do Brasil os movimentos de junho de 2013 saltam aos olhos, tornando-se um ponto de inflexão na luta política, agora também desempenhada na arena digital, o livro também traz uma contribuição que contempla a situação da Argentina. O artigo em tela se debruça sobre a implementação de orçamentos participativos (tema também caro à experiência brasileira) em três localidades, examinando a questão chave da comunicação no setor público recorrendo ao referencial da democracia deliberativa. Como aqui, os processos também estão em construção e os resultados ainda não são animadores.

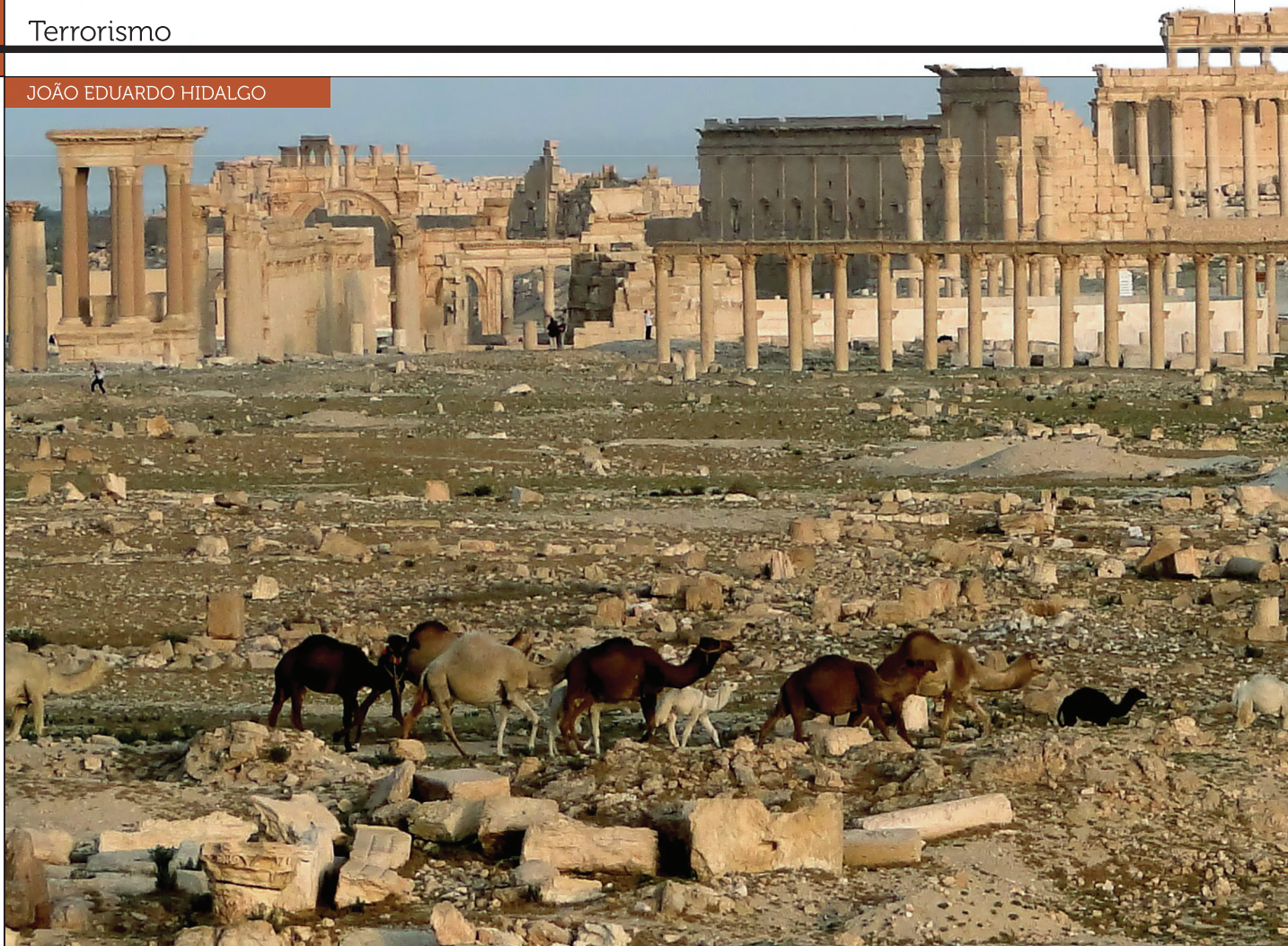
Elaborados de uma perspectiva plural, metodologicamente consistente e buscando associar a reflexão mais teórica com estudos de caso pontuais, os artigos aqui reunidos compõem um conjunto que assume claramente a necessidade de se buscar a multiplicação dos focos e dos olhares para dar conta de um tema complexo e que não se deixa abraçar de uma só vez.

O projeto do livro é de extrema relevância: como escreve seu organizador, José Antonio Gomes de Pinho, na introdução, os autores pretendem “estudar as possibilidades de utilização de artefatos digitais, com o propósito de avançar a democracia através do incremento da transparência, accountability e participação, configurando o que tem sido chamado de democracia digital”. Fornecem, com isso, um relevante elenco de temas e inflexões, que incluem as relações entre democracia representativa e democracia digital, a evolução do uso da internet na participação política e na atuação das organizações da sociedade civil, as mudanças nos processos de gestão e o efeito das redes sociais sobre os movimentos coletivos.

É um painel do mundo em que vivemos e ao mesmo tempo uma rica agenda de pesquisa. O que faz do presente livro uma iniciativa de destaque, que nos ajuda a continuar pensando criticamente e tentando compreender as sociedades atuais. 



Marco Aurélio Nogueira é professor titular de Teoria Política e coordenador científico do Núcleo de Estudos e Análises Internacionais – NEAI da Universidade Estadual Paulista – Unesp, em São Paulo, SP. Este texto é o prefácio do livro *Artefatos digitais para mobilização da Sociedade Civil: perspectivas para avanço da democracia*. Org. José Antonio Gomes de Pinho. Salvador, EDUFBA, 2016.



A histórica cidade de Palmyra

TEXTO EXPRESSA
DESEJO DE QUE
CIDADE SEJA
RECUPERADA

Recentemente as forças do Exército Sírio retomaram a histórica cidade de Palmyra, que tinha sido dominada e seus templos e Museu de Sítio atacados pelo Grupo Terrorista Estado Islâmico. A imagem que se propagou pelo mundo foi a explosão do Templo de Bal, Bel ou Hadad, uma divindade semita dos Arameus, antigos ocupantes da cidade que se chamava então Tadmor, na língua aramaica (língua semita provavelmente falada por Jesus de Nazareth).

O templo, que fora reestruturado no século III da era cristã, voou pelos ares por ter sido feito pelos romanos e por retratar uma divindade de um infiel e inimigo, ou seja, os próprios sírios (?) que descendem na sua maioria deste grupo étnico (Arameus). Do templo parece que só sobraram algumas colunas e um portal externo, as fontes são claras, será difícil

recuperá-lo ao antigo estado. Mas para mim a imagem (mesmo que seja só mental) que ficou foi a decapitação do arqueólogo conservador de Palmyra Khaled Al-Assad, de 82 anos, que durante 50 anos, a partir de 1963, estudou as ruínas ancestrais e cuidou delas.

Respeitado internacionalmente como autoridade nos monumentos funerários que aí abundam, Khaled estudou história na Universidade de Damasco, fundada em 1923 a partir da Faculdade de Medicina que já existia desde 1903; faculdade onde estudou o ditador-presidente Bashar Al-Assad. Khaled, que foi torturado para revelar onde estariam algumas estátuas e objetos retirados do Museu de Sítio de Palmyra, teve sua cabeça cortada e seu corpo pendurado em uma coluna romana da cidade. Dois colegas de universidade, Bashar e Khaled, que têm o mesmo sobrenome, por



© Youssef Badawi/EPA/Agência Lusa

serem do grupo minoritário dos alauitas, que são 15 por cento da população da Síria (que é na sua maioria sunita), tiveram atitudes tão opostas com a cultura e a história síria.

Em janeiro de 2012 estive em Damasco, onde cheguei através de uma ponte aérea de Istambul, um trajeto de duas horas. Desembarquei no Aeroporto Internacional de Damasco, que é minúsculo e fica longe da cidade. Lembro de chegar diretamente andando do avião a um balcão, onde um funcionário que não falava nenhuma língua além do árabe pegou meu passaporte e o girava em vários sentidos sem conseguir ler absolutamente nada.

A minha surpresa foi que ele não conseguia sequer ler o visto do Consulado Sírio, tirado uma semana antes na Avenida Paulista em São Paulo; que estava escrito em português, francês e árabe. Ele começou a digitar algo

no seu monitor, que movia o cursor da direita para a esquerda e balbuciava: Brrrrasil? Fui salvo por uma passageira africana que falou comigo em francês e com ele em árabe e depois de algum tempo olhando minhas malas ali mesmo, entenderam que eu era professor e que aquelas máquinas fotográficas e computador eram materiais de um viajante e não de um jornalista (quanta ingenuidade).

O aeroporto é todo térreo e na frente tem belos painéis com motivos geométricos árabes (não textos) e já se sai na calçada onde táxis velhos, dos quais não se adivinha a cor, já estavam esperando pelos pouquíssimos passageiros. Escolhi o que falava um rudimentar francês e dei o endereço do hotel no centro de Damasco, me lembro que o vidro do para-brisa estava todo trincado e acho que um dos faróis deveria estar queimado, pois se via pouco

Arco monumental na parte central da Grande Colunata, a rua principal da antiga cidade de Palmyra.



O Souq Al-Hamiduyan é o mais famoso bazar de Damasco, na Síria.

da escura estrada de pista dupla, que estava, além disso, oculta pela neblina, que levava até Madinatul Yasmin, a Cidade do Jasmim, significado do nome Damasco.

A primeira impressão que tenho de Damasco é a de uma cidade na escuridão e que está em construção, a maioria dos prédios do centro não tem tinta na parede, ficaram somente no reboque e as construções aparentemente ilegais (puxadinhos) abundam. Em contraste as avenidas são amplas, passei por muitos viadutos e alças rodoviárias, inclusive já dentro da cidade.

O hotel, numa viela que dá na imensa avenida Shoukry Al Qouwatly, era o que aparecia na internet, com um pátio interno com videiras e mesas agradáveis e para a minha surpresa tinha rede de wi-fi, recebi minha senha logo depois de me registrar, e tinha uma televisão (somente aí no pátio), que eu percebi depois que exibia uma gravação ou DVD. A maioria da população não fala nenhum idioma além

do árabe, mas a simpatia e a vontade de ajudar é imensa e com gestos acabam resolvendo os problemas mais imediatos. O francês é a melhor opção, pois ele ainda sobrevive aí já que o país foi durante muito tempo um protetorado francês.

Na mesma noite fui caminhar perto do hotel e encontrei a Avenida 29 de Maio e um grande cinema, Al-Dounia Cinema, com cartazes em árabe e nenhuma possibilidade de leitura para um ocidental. Na parede do cinema acima dos cartazes dos filmes vi duas fotografias, uma de Bashar Al-Assad de terno e outra de um militar com óculos escuros.

A duas quadras do cinema deparei-me com uma praça com uma linda fonte iluminada e um edifício de mármore branco com colunas retas, lembrando uma construção Art-Nouveau, depois soube que é o Banco Central Sírio, com uma imensa foto de Bashar, talvez uns doze metros, com o mesmo terno do cinema, e que fica a noite toda iluminada. A rua não

estava iluminada e vários prédios também não, descobri que os que estavam, como o meu hotel, era porque tinham gerador próprio, pois a luz na capital era intermitente, isto em janeiro de 2012.

No dia seguinte visitei o grande mercado – o Souq Al-Hamiduyan, que é bonito e imita as galerias de compras de Paris, com seu teto alto e corredor central que abriga as várias lojas. A maioria delas vende tapetes, tecidos, joias (não preciosas), artesanato e alguma comida. Na saída do Souq está a praça da Mesquita Umayyad, com sua bela muralha e afrescos na fachada interna e pátio com o solo calçado com um mármore branco e brilhante, onde as famílias e casais ficam sentados em tapetes públicos, conversando depois de visitarem o interior do edifício.

Nesta mesquita está, supostamente, a cabeça de João Batista, para os sírios o Profeta Yahya; há um recinto pequeno de mármore fechado com uma janela de treliça e dentro vemos um túmulo com tampa triangular onde estaria a relíquia. Umayyad fica ao lado da Cidadela de Damasco, outro ponto forte de visita.

Visitei algumas partes de Damasco e estava pensando em ir até Palmyra, mas fui desaconselhado pelos poucos informantes que consegui entender. Fui alertado para não ir para o norte do país, pois depois da Primavera Árabe, no ano anterior, os movimentos contrários a Bashar Al-Assad, que são a Al-Qaeda, a Frente Nusra e os Muhsin estavam atuantes na região, principalmente em Aleppo. Não se falava em Estado Islâmico na época já que ele supostamente se revelou somente (a partir da Al-Qaeda) em 2014.

O apoio de Bashar Al-Assad vem (vergonhosamente) do Hezbollah e do Hamas, lembremos que o Hezbollah libanês tem participação no parlamento do mesmo país e o Hamas na organização política da Faixa de Gaza. A União Soviética é o grande pilar de apoio de Bashar.

Nas lojas do Souq e no restaurante onde almocei vi novamente a foto de Bashar em local de destaque, muitas vezes acompanhada do militar de óculos escuros, que identifiquei

depois como sendo seu irmão Maher Al-Assad, chefe da Guarda Republicana e general de carreira. Conversando com um professor da Universidade de Damasco descobri que Bashar não era o herdeiro preferido de Hafez Al-Assad (1930-2000), o filho que estava sendo preparado para assumir o país era Bassel Al-Assad (1962-1994), que era famoso por frequentar o Folies Bergère e similares em Paris e dirigir conversíveis em alta velocidade.

Numa manhã em 1994 a pressa era tanta em chegar ao aeroporto de Damasco, e seguir para a esbórnica europeia, que ele se esbórnou numa rotatória da escura estrada e morreu, para tristeza do pai e indiferença do povo sírio. Hafez Al-Assad o patriarca da família tornou-se presidente (ditador, na verdade) depois de um golpe de Estado em que colocou

A PRIMEIRA IMPRESSÃO QUE TENHO DE DAMASCO É A DE UMA CIDADE NA ESCURIDÃO E QUE ESTÁ EM CONSTRUÇÃO

na prisão o seu antecessor e colega de partido, do Baath – Partido Socialista (único), Neruddin Al-Atassi (1929-1992) que foi jogado na prisão sem julgamento e ficou nela 22 anos, até ser “libertado” para tratar-se em Paris de câncer terminal; foi libertado em novembro e morreu em dezembro de 1992, na época nenhum parente foi localizado para falar da memória do mesmo.

Hafez Al-Assad era correligionário e amigo do Xá Reza Pahlavi (1919-1980) da Pérsia ou Irã, que foi colocado no poder por uma coalizão da Inglaterra e (nenhuma surpresa) da União Soviética. O pai de Reza Pahlavi, de mesmo nome, foi obrigado a abdicar em favor do filho em 1941, morreu no exílio e está enterrado no Cairo na Mesquita Al-Rafai. Ela também é chamada de Mesquita Real, e nela estão enterrados um profeta, Ahmad Al-Rifai, do século XII, e Reza Pahlavi pai e filho. Reza Pahlavi, o filho, foi expulso de seu país (depois de assumir o lugar do pai sem re-



**Mesquita Al-Rifai,
no Cairo, Egito.**



**João Eduardo
Hidalgo, doutor em
Comunicação pela
USP e pela Universidad
Complutense de
Madrid, é professor
da Faculdade de
Arquitetura, Artes
e Comunicação da
Unesp, Câmpus de
Bauru.**

mordimentos) por uma ‘Revolução’, parecida com a Primavera Árabe, em 1979, mas que teve um desdobramento lamentável, trazendo os aiatolás para o poder.

A família e a descendência é um fator sempre muito nomeado neste ambiente que se auto-considera real, mas basta investigar um pouco e vemos que é um discurso vazio de grupos que querem manter-se no poder. Bashar Al-Assad não tem nenhuma ligação emocional com o povo sírio, ele estava estudando na Inglaterra e foi o que sobrou para ocupar o posto de dono do país, colocado ali pelo seu pai, que aniquilou metodicamente todos os opositores.

A sua mulher, Asma Al-Assad, ex-executiva do Deutsch Bank, é tão superficial como a mítica Farah Diba (imperatriz consorte de Reza Pahlavi Filho), que era conhecida como a mulher com as joias mais valiosas do mundo (em 1979). Logo depois de sair de Damasco li num jornal em Jerusalém que alguns e-mails trazidos a público de Asma Al-Assad

mostravam que ela estava preocupada com a troca das cortinas de seu palácio, enquanto o país estava mergulhado em uma sangrenta Guerra Civil.

Palmyra com seus templos e sarcófagos estava sendo destruída e saqueada sem que o presidente sequer se lamentasse por isso, o desfecho trágico de 2015 foi um elo numa corrente. A violência de 2015 em Palmyra lembra o atentado no Egito, dentro da era Muhammad Hosni Said Mubarak (que se considerava herdeiro dos Faraós), ao Templo de Hatshepsut, rainha faraó da XVIII dinastia, em Luxor em 1997, quando 58 turistas foram metralhados e esfaqueados e algumas estátuas atacadas a marteladas.

Esse atentado mostrou também a misoginia presente entre esses grupos e células terroristas; eles escolheram o lugar com intenção de fechar o templo, muitas colunas com o rosto da rainha foram quebradas e ainda estavam em restauro em 2012.

Não podemos esquecer também do ataque sofrido pelo Museu Nacional Iraquiano de Bagdá, depois da queda de Saddam Hussein (outro patriarca que dizia valorizar muito a descendência), que perdeu mais de 40 por cento de seu acervo em 2003 e só foi reaberto 12 anos depois, com o que restou e com algumas obras recuperadas, sem mais detalhes, já que o comércio de arte saqueada no oriente é muito poderoso na Europa e na América do Norte.

Desejo que Palmyra volte a exibir para o mundo os seus templos e que seu museu seja recuperado, da melhor maneira possível, mas a insegurança e a falta de organização mínima que presenciei em 2012, no aeroporto e nos postos governamentais de fronteira com o Líbano, para onde fui depois de desistir da visita a Tadmor/Palmyra, me fazem temer pelo destino deste poderoso local e de seus protetores. Um país com mais de seis mil anos de história merecia mais ajuda internacional, para remover do poder um fantoche russo que só tem feito mal para esta grande memória ancestral e para o povo que a criou. 



© Carl Mayberry, USAID/Public Domain Images

Um profissional que sabe onde pisa

ARTIGO DESTACA PAPEL DO GEÓLOGO NA SUPERFÍCIE, NO SOLO E NO SUBSOLO

Comemorou-se em 30 de maio o Dia do Geólogo. É um reconhecimento a todos os profissionais que trabalham nas várias áreas da Geologia, como pesquisa mineral, petrologia, geologia de petróleo, hidrogeologia, geotécnica, geoquímica, geofísica, geologia marinha, geologia ambiental, paleontologia, entre tantas outras.

O Dia do Geólogo, no Brasil, é celebrado em 30 de maio em referência à aprovação do Projeto de Lei n. 2028, a partir do qual foi criada a Lei n. 4.076, de 30 de maio de 1962, que regulamenta a profissão de Geólogo, com exercício fiscalizado pelo Crea (Conselho Regional de Engenharia e Agronomia).

A origem da Terra, sua composição, estrutura e evolução natural desde seu início até os dias de hoje constituem o cerne da atuação do geólogo. É um profissional capaz de ler a história de nosso planeta escrita pela natureza nas rochas, minerais e fósseis. Neste sentido, o geólogo desempenha papel de “tradutor”

desta escrita para todo o restante da sociedade humana.

Ao desvendar segredos da natureza, o geólogo amplia fronteiras, busca e viabiliza o aproveitamento dos recursos naturais minerais e energéticos em prol da humanidade, com responsabilidade e respeito ao meio ambiente. Na superfície, no solo e no subsolo, o nosso planeta depende da boa atuação deste profissional.

A Unesp, no Câmpus de Rio Claro, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, oferece o curso de graduação em Geologia desde 1970. Anualmente são oferecidas 35 vagas. O curso tem duração de 5 anos em período integral e vem sendo sempre muito bem avaliado nas diversas classificações existentes no Brasil. Para saber mais: <<http://goo.gl/X5SB4a>>.

Em homenagem a todos os geólogos, reproduzimos o que escreveu Monteiro Lobato na obra *O poço do Visconde*: “O sorriso que tenho nos lábios é um sorriso geológico – o sorriso de quem sabe, olha, vê e compreende”. 



José Alexandre de J. Perinotto, geólogo, é vice-diretor do Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Unesp de Rio Claro. Este texto é parcialmente baseado no site: <<http://goo.gl/PM0jBK>>.



CD Miniaturas de Oswald

PIANISTA E PROFESSOR DA UNESP REÚNE OBRAS RELEVANTES, NÃO REGISTRADAS E NÃO EDITADAS

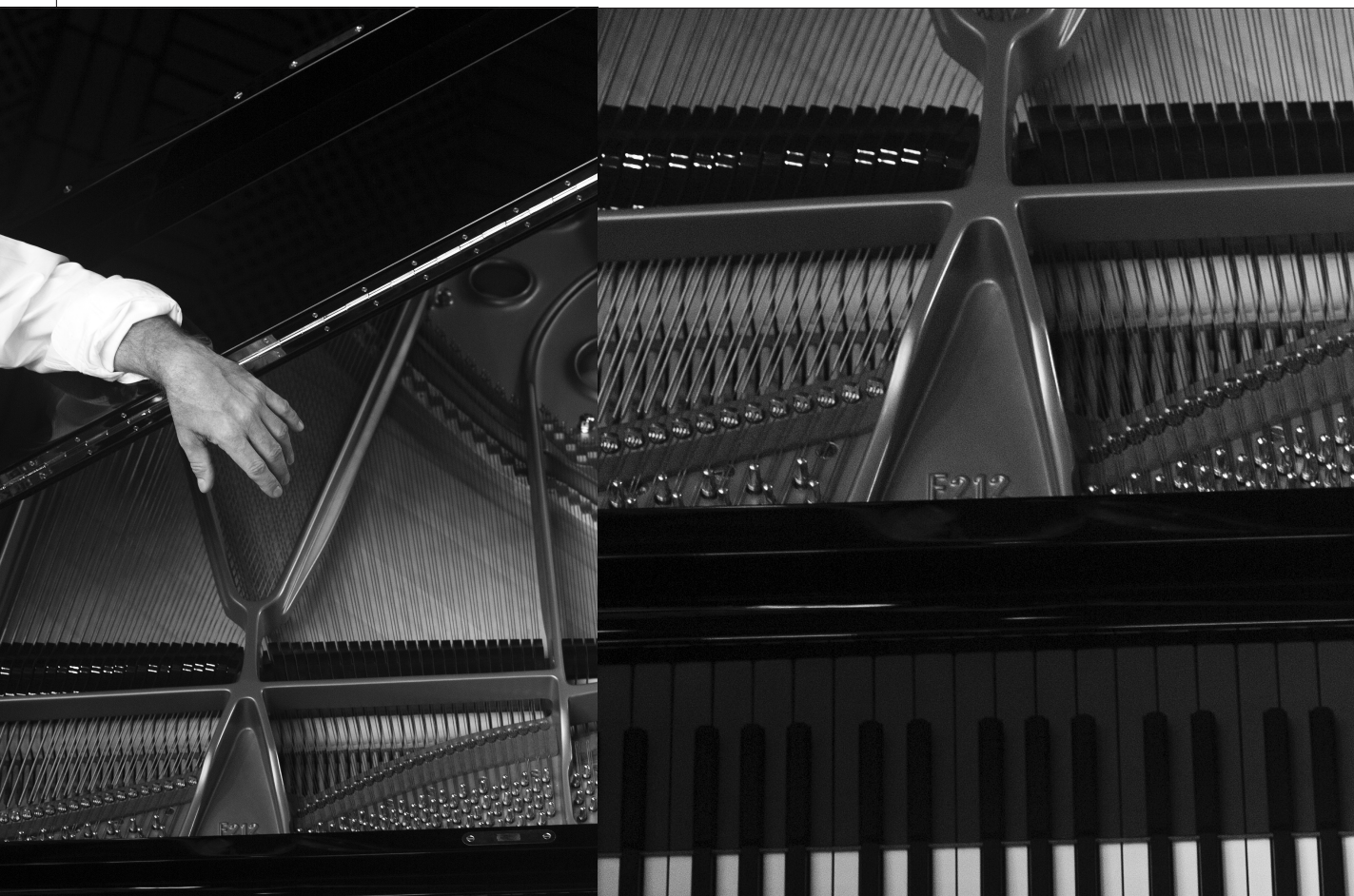
O pianista Nahim Marun, professor do Instituto de Artes da Unesp, lança o CD *Miniaturas de Oswald*, inteiramente dedicado à obra para piano de Henrique Oswald.

Considerado um dos mais importantes compositores do romantismo musical brasileiro, Oswald nasceu no Rio de Janeiro em 1852 e faleceu na mesma cidade, em 1931. Depois de uma permanência de 30 anos em Florença, Henrique voltou a residir no Brasil em 1903, onde permaneceu até o fim de sua vida, atuando intensamente como professor, compositor e intérprete.

Quando um nacionalismo exigente se implantou no País, a partir da Semana de 22, a música de Henrique Oswald saiu gradativamente de foco. Julgamentos pouco criteriosos e unilaterais sobre suas influências e seu estilo fizeram com que sua obra caísse

em injusto esquecimento. Sua escrita para o piano, de caráter intimista e elegante, congrega traços do miniaturismo de Schumann e Grieg, requintes harmônicos de Franck e Fauré, além de atmosferas impressionistas de Ravel e Debussy. Esses aspectos, conjugados com as influências do pianismo de Chopin, com as cores quentes da música ibérica e com as releituras da música popular europeia, nos brindam com uma música que reúne em um só corpo a pluralidade e a unidade estilística, o universal e o brasileiro.

Segundo apreciação de Marun, “as ondulações dos *Três Estudos para Piano*, compostos no período carioca, materializam musical e poeticamente a relação das paisagens montanhosas e do movimento do mar do Rio de Janeiro, antecipando o pictorismo de Villa-Lobos”.



© Heide Bortz

O pianista Nahim Marun reuniu no CD *Miniaturas de Oswald* desde obras relevantes como *Il Neige!*... até obras que não haviam sido registradas, como *Sete Miniaturas*, *Serenatella* e *Sérenade Grise*, ou não editadas, como *Trois Romances sans Paroles*. Para o recital de lançamento deste trabalho, o pianista selecionou obras que promovem um diálogo entre Oswald e as influências de seu tempo, conectando composições que se autorrefletem e se comunicam.

Estas associações promovem uma releitura estética e auditiva das obras escolhidas, integrando e conjugando as tradições e as inovações do repertório.

O projeto foi premiado pelo Programa de Ação Cultural da Secretaria de Estado da Cultura em 2015 – Prêmio PROAC. Foi um dos quatro selecionados dos 52 inscritos.

“Trata-se de um trabalho sobre o compositor Henrique Oswald, um dos maiores compositores do romantismo brasileiro. Entre suas obras, selecionei e pesquisei várias obras inéditas, nunca antes gravadas – algumas nem mesmo editadas”, diz o pianista e professor da Unesp.

O CD PROMOVE UMA RELEITURA ESTÉTICA E AUDITIVA DAS OBRAS ESCOLHIDAS, INTEGRANDO E CONJUGANDO AS TRADIÇÕES E AS INOVAÇÕES DO REPERTÓRIO

Houve o lançamento e a apresentação do CD na Sala São Paulo (9 e 20/7), na Capital paulista, seguido de concertos no Centro Cultural São Paulo (19/7) e no Festival de Inverno de Campos do Jordão (22/7). 





LUZ E TREVAS, EM ÓPERA CLÁSSICA DE MOZART

Concebida ainda no século XVIII, pelo compositor alemão Wolfgang Amadeus Mozart, a ópera *A flauta mágica* foi apresentada, em quatro sessões, em junho último, no teatro “Maria de Lourdes Sekeff” do Instituto de Artes (IA) da Unesp, Câmpus de São Paulo. Descrita como uma ópera de formação, mostra a filosofia do Iluminismo e os conceitos de liberdade, igualdade e fraternidade instituídos pela Revolução Francesa.

Com direção artística de Abel Rocha, pesquisador do Departamento de Música do IA, a peça integra o VII Festival Fábrica de Óperas IA - Unesp, e reúne mais de 40 integrantes, alunos da graduação e da pós-graduação de praticamente todos os cursos oferecidos pela instituição.

Em atividade desde 2013, o Fábrica de Óperas produz concertos abertos ao público, com montagens de óperas produzidas inteiramente por alunos do IA.



© Arquivo pessoal



Fernando Braz Tangerino Hernandez é engenheiro agrônomo, professor titular da área de Hidráulica e Irrigação da Unesp Ilha Solteira (<<http://goo.gl/MJKXAk>>) e divulga dicas sobre agricultura irrigada e agroclimatologia semanalmente no Pod Irrigar em: <<http://goo.gl/J8u2KT>>

Por que realizar o manejo de irrigação?

Entraremos em um período do ano em que a irrigação será muito mais exigida para que se alcancem as produtividades desejadas e assim tenha um melhor aproveitamento dos investimentos feitos em sistemas de irrigação. Sim, entraremos no inverno e logo na primavera, e no Noroeste Paulista enfrentamos historicamente de 7 a 8 meses do ano de déficit hídrico, e o maior déficit acontece em agosto, quando em média se tem entre 96 mm e 109 mm de déficit hídrico, de um total anual que varia entre 442 mm e 490 mm, mas não podemos descartar as anormalidades climáticas, como a registrada em 2012, quando em Pereira Barreto o déficit acumulado anual chegou a 783 mm, de acordo com os diferentes estudos publicados pela Unesp Ilha Solteira.

Neste contexto se encaixa o manejo da irrigação. Aplicar água no momento e quantidade adequada às diferentes culturas é o principal desafio dentro da agricultura irrigada atualmente. Mas nos perguntam: por que devemos nos preocupar com essas coisas ligadas ao manejo da irrigação, como evapotranspiração de

referência e da cultura, coeficiente de cultura, capacidade de campo, entre outras?

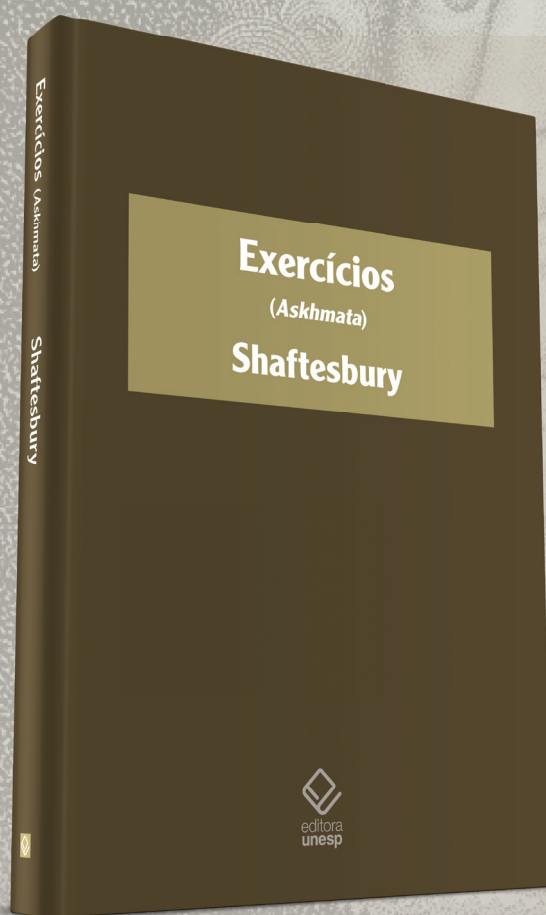
A primeira das razões é a econômica! Controlando a água aplicada, definindo o momento e a quantidade correta para satisfazer as necessidades das culturas reduzimos o total de água aplicada, temos menos horas de funcionamento do conjunto motobomba e menor consumo de energia e melhoramos a produtividade e a qualidade da produção.

Mas há outras vantagens ligadas ao meio ambiente e aos investimentos feitos em Serviços de Assessoramento ao Irrigante. De maneira geral, uma correta distribuição de água no solo resulta em uma paisagem mais homogênea e mais bonita, melhoramos a qualidade da água do manancial, aumentamos a eficiência no uso da energia e ainda fazemos uso de forma mais intensiva das informações obtidas nas estações agrometeorológicas.

Na prática, estamos falando de economizar entre 10-20% da água aplicada e do aumento da produtividade dos cultivos e da qualidade da produção, com o incremento da lucratividade do negócio de produção de alimentos. 

Clássico a ser redescoberto ensina como se tornar filósofo

Shaftesbury influenciou alguns dos maiores pensadores dos séculos XVIII e XIX

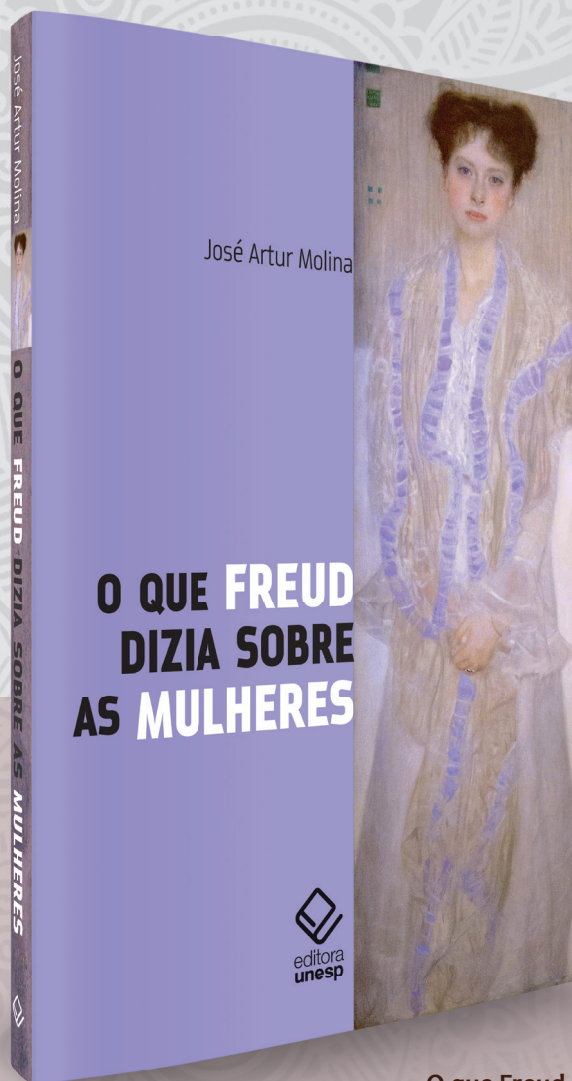


O que é filosofia? Para Anthony Ashley Cooper (1671-1713), o terceiro conde de Shaftesbury, esta é uma questão prática: conhecer a si mesmo e aprimorar-se. Não há distinção entre estudar ou aprender filosofia e tornar-se filósofo. Assim, as chamadas especulações filosóficas seriam exercícios. Exercícios para formar ideias, para olhar para dentro de si mesmo e descobrir o que é útil para a vida, o lugar que ocupamos no cosmos.

Entre 1698 e 1704, Shaftesbury dedicou-se incansavelmente a descobrir as maneiras de fortificar a mente, a como nos integrarmos melhor a uma ordem maior do que nós mesmos. O resultado, ele reuniu em dois cadernos que intitulou “Askhmata”, que significa, entre outras coisas, “exercícios” em grego.

Estes *Exercícios (Askhmata)*, publicados agora pela primeira vez em português pela Editora Unesp, foram valiosos para Shaftesbury na construção de sua curta carreira filosófica, que começa em 1708 e termina com sua morte, em 1713, mas que influenciaria pensadores como Hume, Kant, Diderot, Montesquieu, Voltaire, Rousseau, Goethe, Mendelssohn e Adam Smith.

Exercícios (Askhmata) • Shaftesbury
191 Páginas • R\$ 48



O que Freud dizia sobre as mulheres
184 páginas | R\$ 28

Os caminhos de Freud para a compreensão do feminino

José Artur Molina explora a política, a sociedade, a literatura e a pintura na Viena da *belle époque* para analisar as razões que teriam levado o fundador da psicanálise ao modelo fálico vigente de seu tempo e, paralelamente, à visão de vanguarda inaugurada pelo inconsciente.



editora
unesp

Produzir conteúdo,
Compartilhar conhecimento.
Editora Unesp, desde 1987

www.editoraunesp.com.br